

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE.. 12\$000

 Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA 17 DE MARÇO, 28.
 OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Não sabemos se alguém já disse que os pequenos erros, os insignificantes abusos, as tolerancias vulgares, são os factores dos grandes crimes, as causas remotas de pavorosas catastrophes: se ninguem affirmou ainda essa verdade lapidaria, cabe-nos a gloria de graval-a nas paginas de oiro da sabedoria humana, e accrescentaremos, como demonstração eloquente, que o movimento da molécula imperceptivel produz a onda omnipotente, devastadora.

A politica republicana iniciou um periodo de recrudescencia dos erros, que os propagandistas da democracia, rubros de indignação, imputavam ao Imperio, erros que cercearam, lentamente, o prestigio da dynastia e chegaram a cortar os laços tradicionaes, que a prendiam ao coração do povo, carcomendo, como um cupim ignorado, num terrivel trabalho demolidor de adversario, infinitamente pequeno, os mais possantes esteios no throno.

Póde-se affirmar que, á victoria incruenta de 15 de novembro, se seguiu um saque, em grande escala, nos thesouros da liberdade individual, preservados pela longanimidade do Imperador, ou respeitados pelos estadistas, subjugados a uns resquícios de escrupulos beneficos ou contidos nas suas ambições usurpadoras pelo cabresto curto do poder moderador.

Os primeiros erros fôram considerados excessos naturaes de um regimen nascente, que não poderia surgir perfeito em todos os seus aparelhos. Era inevitavel que a machina da administração dos negocios publicos, remendada ás pressas, emperrasse aqui, acolá; ficasse, algum tempo, sujeita ao processo de ajustamento das peças complicadas, cuja funcção normal, completa, deveria ser resultado do uso e das pacientes manobras de adaptação.

Mas, essa tolerancia dos primeiros dias, justificada pelo açodamento dos victoriosos subitos, se foi, insensivelmente, estendendo; os correctivos, os meios de repressão dos abusos iniciados, se fôram procrastinando, porque o governo provisorio — o unico constitucional desses quinze annos de democracia — não tinha ainda bastante energia para conter a onda de ambições, que o ameaçava, ambições repressadas dos que não conheciam as delicias do poder e velhas ambições dos adhesistas, demasiado habituados aos seus proventos saborosos.

O governo provisorio teve de transigir com a legitima sêde de reformas immediatas das instituições caducas, consideradas incompativeis com as idéas capitaes do novo regimen, e indispensaveis para preparar o terreno aos primeiros passos vacillantes da republica, ao plantio da nova semente regeneradora. Mas, derribada, roçada a floresta secular, grelou, immediatamente, a herva daminha dos erros, dos abusos, cuja devastação definitiva foi confiada ao governo constitucional, que manteve a tolerancia dos seus antecessores repetindo a justificação de ser imperioso conselho fazer vista grossa aos erros, já então ampliadas as proporções de crimes, porque era imprescindivel aguardar que o mecanismo constitucional funcionasse bem correcto e lubrificado em todas as suas peças, tal qual se procedera com a machina revolucionaria.

Ninguem suspeitaria, então, que dessas condescendencias resultasse a continuação do systema condemnado, com todos os seus vicios chronicos, aggravados pela inexperiencia dos improvisados estadistas, e pelas licenciosas larguezas, que presidiram á nova organização. Assim, recrudescceu o mesmo nepotismo anterior, os mesmos processos de favoritismo, as mesmas tendencias de concentração do poder em pequenos focos olygarchicos; resurgiram os antigos processos de cor-

rupção, as preterições systematicas dos homens de merecimento, excluidos pelas mediocridades irresponsaveis, páu para toda a obra, mais pujantes, mais violentos e mais deprimentes, depois de abundantemente regadas pela onda de sangue e lama, que conspircou a infancia da Republica.

Resultou disso um regimen presidencial deturpado, um arremedo do poder executivo do Imperio, sem o correctivo do poder moderador, substituido por um chefe que não modera coisa alguma, entregue a ministros, muita vez impopulares, de influencia visivelmente prejudicial, dos quaes elle, por fraqueza ou injustificavel acanhamento, se não póde libertar, ministros, que o vulgo qualificaria *cara-duras*, agarrados ás pastas, apesar das cortezes insinuações de quem os poderia despedir com um gesto.

Resulta disso um poder legislativo, que abdica as sublimes prerogativas da mais alta expressão da soberania nacional, para se embiocar na libré dos servidores do palacio, como aquelles antigos estadistas, surgidos dos quartos baixos de S. Christovão, para a abjecta funcção do servilismo ao poder pessoal.

Resulta dessas transacções com o dever civico, um poder judiciario, que transforma a acropole do edificio social num posto de observação solícita dos caprichos, das manhas, da vontade do poder executivo.

Resultou de tudo isso, finalmente, essa chave de oiro do processo de desorganização das instituições democraticas, a politica dos governadores, cavando a ruina das esperanças sobreviventes ao descalabro despuadorado de todos os escrupulos e ao repudio da moral administrativa, corroendo os fundamentos da propria integridade nacional.

O divorcio da moral com a politica, justifica todas as faltas, todos os crimes. As queixas legitimas, que explo-dem provocadas por excessos insup-

portaveis, são consideradas lamurias ridiculas, acolhidas com um sorriso de piedade, ou com um conselho de resignação, porque, em politica, sempre foi assim; o governo não deve ser palmatoria do mundo, vigilante inexoravel, que perpetre a inconveniencia de se desprestigiar, reconhecendo e punindo os seus proprios amigos, os seus auxiliares, os seus collaboradores dedicados, expostos, por suprema devoção, ao sacrificio da impopularidade, prejudicando os afilhados, os protegidos, os amigos delles, outros tantos factores da gloria e da benemerencia de quem tudo póde e manda.

E assim se affirma, numa evidencia exuberante, o nosso profundo acerto: insignificantes abusos tolerados engendram desvios perigosos; os imperceptiveis germens de erro proliferam, pavorosamente, em perniciosos elementos de desorganisação e a condescendencia ás pequenas faltas se váe ampliando, insensivelmente, até constituir uma égide impermeavel para abrigar os grandes crimes: a tolerancia, transformada em habito, inutilisa as sancções mais salutaes.

* * *

Estas considerações, bem nitidas na consciencia de toda a gente, que ainda se dá ao luxo de pensar nos destinos da patria, ficariam no tinteiro da submissão aos factos consumados, se não nos restasse um vislumbre de confiança no patriotismo do illustre estadista, incumbido de governar a Republica.

Não perdemos a esperanza de sermos surpreendidos com um desses actos de resolução, com um desses movimentos de energia que resolvem as situações mais difficeis, os mais graves problemas de governo.

A independencia pessoal, os precedentes honrosos, a capacidade mental e a diuturna experiencia de s. ex., nos habilitam a esperar que o pernicioso regimen de tolerancia, de vacillação, de hesitações, seja, afinal, substituido por um vigoroso despertar da vontade, suffocada sob os arminhos das maneiras doces, dos processos suaves, dos meios indirectos, das contemporisações pacatas, que são, com effeito, formas do character, do temperamento, da educação aprimorada, attributes de

grande valia, explorados, cruelmente, pela politicagem insaciavel.

A pustula, que está deformando o formoso corpo da Republica, não se cura com o *cuspo em jejum*, nem com panacéas dilatorias; está requerendo, urgentemente, um cauterio poderoso, que extirpe, fundo e de vez, os invisiveis germens destruidores. Os abusos, inveterados e recalcitrantes, não se enchotam, como moscas, com pennachos macios: estão exigindo salutar cacête. E, no dia em que s. ex. substituir o molle pennacho da condescendencia pelo porrête das resoluções inexoraveis; nesse dia, terá lavrado uns tentos, terá encetado, triumphante, a luminosa estrada da benemerencia.

POJUCAN.

O SENTIMENTO TRAGICO NO SEculo XIX

§ 3º

Na sua interessante obra, *A origem da tragedia*, Nietzsche propõe-se definir o sentimento tragico tal qual devia ter existido entre os gregos.

Parece, porém, que o philologo se deixou traír pelo sentimento da modernidade. Nietzsche, em logar da tragedia grega, esboçou o paganismo do seculo XX. Esse néo-paganismo acabou por concretisar, em seu espirito, as tendencias, algo paradoxaes, da philosophia da grandeza pelo instincto.

Seja, entretanto, como fôr, o genio desse escriptor, para não dizer desse poeta, ultrapassou, em penetração, os auctores mais cheios de emotividade tragica do seculo passado. E foi semelhante emotividade estranha que o seu espirito critico transferiu para essa arte hellenica, que os criticos, quasi universalmente, convinham em achar tão singularmente tranquillã, modulada e grave, na serenidade dos olhos sem pupillas das suas estatuas de puro marmore.

Sempre cuidei que por baixo da placidez dos marmores hellenicos, havia alguma coisa de tumultuoso e até macabro, que, á nossa vista de myopes, era vedado discorrer, do mesmo modo que é impossivel discernir a paixão que trucidou a formosa egypcia, hoje mumificada na intraduzibilidade do sarcophago, onde a depositou o carinho do Pharaoh de ha cinco mil annos. Mas, dahi para o que a Nietzsche se afigura, váe um grande esforço; — contraste que me leva a crer na metathese operada em seu espirito pelo processo de atenuação

tada aos monumentos legados por aquella grande cultura artistica.

O pensador allemão prevê a resurreição da tragedia dyonisiaca. Não é sem um atrepto de espanto que se vê, agitado, fazer esta imprecação:

«Crêde commigo, meus amigos, na vida dyonisiaca e na renascença da tragedia. Os tempos do homem socratico passaram. De thyrsos em punho, coroe-vos de panpanos; e não vos mostreis espantados si o tigre e a panthera vierem deitar-se, festivos, mansamente aos vossos pés. Tende coragem, e agóra é assumir a attitude dos homens tragicos; e porque sois livres, não vos escuseis ao trabalho glorioso de escoltar o cortejo dyonisiaco da India á Grecia!» (1)

A convicção de Nietzsche é grande e communicativa. Que é a vida na sua opinião? E' um mysterio resolvel na tragedia. A despeito do terror e da piedade, é preciso que gozemos a felicidade de viver «não tanto em quanto individuos como vida *una*, total, confundidos e absorvidos na alegria creadora.»

«A historia das origens da tragedia grega, accrescenta o critico, nos revela, com precisão luminosa, o modo porque a obra d'arte tragica dos gregos nasceu realmente do genio da musica; e com o auxilio dessa idéa, acreditamos ter, pela primeira vez, exactamente interpretado o sentimento primitivo e singular do côro. Mas, é preciso convir tambem em que o alcance do mytho tragico, tal qual o estabelecemos, nunca foi percebido, com nitidez manifesta, pelos poetas e ainda menos pelos philosophos da Grecia; a linguagem de seus herões é, até certo ponto, mais superficial do que seus actos; o mytho não encontra, por forma alguma, objectivação adequada no discurso. A successão das scenas e o spectaculo dos quadros proclamam uma sabedoria mais profunda do que a que o proprio poeta é capaz de attingir por meio das palavras e das idéas. Phenomeno semelhante póde observar-se em Shakespeare, cujo *Hamlet*, por exemplo, numa accepção analogã, falla mais superficialmente do que obra, de sorte que não é das palavras, mas da profunda contemplação do conjuncto que se dedúz essa philosophia de *Hamlet*, precedentemente exposta.» (2)

E assim chegar até ao pensamento original de que, em futuro proximo, abandonada a «moral de attitudes», de Socrates, a «hypocrisia dos humildes», do Christianismo e a «virtude utilitaria», da democracia moderna, o homem como o grego dyonisiaco, e agóra com mais força, graças ao que a experiencia lhe tem ensinado, saberá querer a verdade e a natureza em todo o seu esplendor e, de novo, se metamorpho-

Os hellenos tiveram, na idade de bronze, os seus combates de Titans. As monstruosidades dessa epocha geraram-lhes o amargor da vida, de onde, a pouco e pouco, saíu o mundo homérico, sob a influencia tutelar do instincto da belleza apollinea. Esse esplendor ingenuo foi devorado pela invasão ruidosa da torrente dyonisiaca, o que occasionou outro phenomeno curioso. Contra esses poderes novos e formidaveis, levantou-se, ainda uma vez, o espirito apollineo na magestosa rigidez da arte doria e na concepção dórica do mundo. A lucta da individuação analytica da belleza contra o entusiasmo da absorpção do homem na vida integral, formou as grandes epochas da arte grega.

Para que ponto do infinito tendiam esses esforços, essas transformações, desde que não queiramos considerar a arte dórica como sua ultima manifestação e termo supremo dos instinctos estheticos? pergunta Nietzsche. (3)

O aggregado mysterioso, resultante dessas batalhas, dissolveu-se na evolução historica mediterranea.

Os tempos modernos teriam tentado a sua reproducção?

Nietzsche, num estylo tão brilhante quanto perturbador, ás vezes incoherente, não raro desesperador, insado de sacrilegios, propõe a formula do satyro futuro.

A sua obra, que seguramente se assignalará, na litteratura das nações modernas, como uma pretensão genial e, ao mesmo tempo, insensata, não faz outra coisa sinão continuar o programma do *Fausto*, de Goethe.

O mundo occidental tambem teve a sua lucta de Titans. Da Edad Média, emergiu o homem cheio de pavores, de sonhos de enfermidades. Mal os destroços do Imperio Romano começaram a recompôr-se em cidades, ao influxo do Renascimento e do Christianismo, surgiu a guerra antiga sob aspecto mais amplo e fulgurante.

Que tem sido a vida, sob essa vaga denominação de civilização sinão a lucta do individuo contra a crença, sob a forma de Estado?

Nietzsche pretendeu prescrutal-a. Deu-lhe uma solução? A *super-humanidade* terá visos de philosophia?

Qualquer que seja o destino do seu paradoxo em philosophia moral, é certo, porém, que a sua obra repercute a anciedade tragica do phenomeno da moderna vida social. Não ha quem leia os aphorismos da *Gaia sciencia*, da *Genealogia da Moral*, do *Acima do bem e do mal*, do *Assim fallou Zarathustra*, da *Vontade de poder*, que não exprimente a surpresa de um pensamento infernal, escondido nas dobras da propria consciencia.

Nietzsche arrojou-se a traduzir em

livros, com a apparencia de tratados philosophicos, o inferno da philosophia politica, que se occultá sob o aspecto placido, aparentemente tranquillo, dos compendios profissionaes de Leibnitz, de Spinoza, de Bacon, de Descartes, de Kant, de Comte, de Spencer, de Schopenhauer e de Hartmann.

Explicar a vida !!

Sentil-a, exprimir artisticamente o seu mysterio; isto começou a fazel-o, na epocha moderna, o genio do poeta de Stratford-on-Avon.

Esta situação esthetica, é bem provavel que Nietzsche a comprehendesse; e não parece sem significação o satyro do futuro que elle imagina, nem será novidade que o sentimento tragico venha a constituir a verdadeira base da obra artistica do seculo XX.

§ 4º

Este sentimento, vemol-o antecipado nos romances de alguns escriptores russos, particularmente em Dostoiewsky.

O auctor da *Memoria da casa dos mortos*, já em razão de um temperamento de somnambulo, já porque as torturas da sua vida de perseguido, não dissertou, á maneira de Bakunine, de Kropotkine, de Herzen e outros, sobre a liberdade, nem sobre os dogmas da autocracia. Viu. A sua vista de espirito eleito, desdobrando-se através dos acontecimentos contemporaneos, e isolando os profundos caracteres desses acontecimentos, sublimou-os na mais pungente tragedia que se póde imaginar.

A vida vulgar, em sociedade, é chata, sem relevo, aparentemente banal. Mas, em cada cerebro, que soffre, ha uma convulsão; em cada erro ou desintelligencia, que surge entre o sentimento de um mujick e de um senhor, de um boyardo e de um official do palacio, de um privilegiado e de um infimo da burocracia, de um homem do povo e de outro homem do povo, ha sangue, ha chammas, ha ruidos pavorosos, comtanto que as respectivas almas estejam combalidas. No tumulto ordinario das ordens que são expeditas, das regras que são violadas, da obediencia que se torna effectiva a berros ferozes e a golpes de knut, ou, ainda, á vista de um movimento superciliar daquelle que dispõe da força de commando, ninguem julga perceber o que se passa. E, todavia, esses berros, esses golpes de knut, esses movimentos superciliares téem produzido terremotos psychicos, desgraças irreparaveis, subversões de espiritos, tão pavorosas como as que os geologos attribuem á primeira idade do mundo em formação.

Ninguem vê isto no afan da vida quotidiana, como ninguem distingue,

nem se commove deante do cataclysmo produzido num formigueiro pela malignidade de uma creança que se lembrou de inundal-o atirando-lhe um balde d'agua. No emtanto, aquelles actos rudimentares violaram as mais sagradas crenças das suas victimas, quebrando-lhes todas as cordas da alma, que são a sua força e o penhor da felicidade de cada um.

Ponham-lhe o vidro de augmento da arte, e os mais displicentes terão o terror da tragedia dos Atrides.

Rascalnicoff é uma figura vulgar; Karamazoff é um vulto sinistro, apenas porque se mostrasse inacessivel á piedade filial. A fria auctoridade policial não veria nelles mais do que especimens milhares de vezes classificados e fartamente conhecidos dos carcereiros das prisões de Estado. Sem a minima importancia para a sociedade organizada, rebutalho indigno, repellido como escorralhos da fornalha que nutre a machina da vida social, só lhes resta voltar á valla de esterco para onde se atiram os detritos humanos, excedentes da lotação da vida terrestre, segundo dizem, com o sorriso canibal, mal disfarçado nos labios, os propedeutas do impropriamente chamado darwinismo politico.

Dostoiewsky, porém, não participa desta cegueira, nem applaude esta insensibilidade. Ao contrario dos de sua classe, debruça-se sobre os abysmos da dôr, e pesca, com o anzol da sua arte magica, os precitos dessa vida social, que a fatalidade dos máus instinctos dirige.

Então, suspende-se o panno do theatro e apparece a tragedia em toda a sua ferocidade eschyliana.

Que é Prometheu, á vista de Rascalnicoff? Que é Orestes, comparado a Karamazoff.

Surgem as incompatibilidades tragicas, que geram as situações de que o poeta precisa para fins estheticos. No palco ou na téla do romance, como na arena do Circo Maximo de Roma, degladiam as incoherencias da humanidade. Contra a miseria humana, confundida com o valor do athleta, com a innocencia da virgem, soltam-se as feras das paixões e os restiarios da doutrina social. As crenças, a educação, o amor, tudo quanto ha de mais vibrante e fragil na natureza do homem, se esfarela, ao choque da moral insensata, que se propõe regular, pela compressão, os appetites individuaes.

(Continúa).

ARARIPE JUNIOR.

(1) Nietzsche, *L'origine de la tragédie*, pag. 187. Trad. Marnold. Pariz. 1901.

(2) Obr. cit., pag. 152.

(3) Obr. cit., pag. 50.

QUINHENTOS RÉIS

JUNÇÃO DO ELECTRICO

Este Rio de Janeiro!

Aquelle bondezinho, luzidamente burguez, tentava-o! Parecia-lhe original e delicioso, com os seus logares commodamente marcados e arrebiques de dama velha e faceira. Por duas vezes já, elle, num repentino e violento desprendimento de dinheiro, o fôra namorar, de longe, á chegada no Rocio, com um desejo deshumano de pôr-se nelle e estirar os sapatos grossos pelo assoalho sujo, fumando, o dedo pollegar á cava do collete, em attitude de homem de fino gosto que não tolera a promiscuidade da turba. Mas... 500 réis!

E, aqui, ao lembrar-se daquelles algarismos fixados naquella placasiinha galante—500 rs., encimando a estreita e cumprida taboleta—*junção do electrico*—um frio louco de febre apoderava-se delle todo, e era como se, em vez daquelle calhambeque airosamente immoral, o espectro da morte aos seus olhos passasse.

Havia dois mezes que, por uma soalheira insupportavel, desembarcára do norte, vindo da suavidade indolente do seu sertão ubertoso para o tumulto empolgante e lendario da «grande cidade», com os seus monumentos de arte, as suas bellezas incomparaveis, os seus homens sabios, que conhecia atravéz da assignatura constante do *Fornal*, os seus poetas lubricos, as suas *cocottes* irresistiveis... Havia dois mezes já, que vivia aboletado num quarto infecto de hospedaria, comendo entre as chalaças, genuinamente portuguezas, duma «casa de pasto», com muitos sonhos, com muitas cartas de recomendações e uma vontade de trabalhar muito, de vencer a todo o transe.

Lá na sua terra, socegada e triste, onde, num leito branco e scismador, margeado de grossas engazeiras e enseivados jequitibás, deslisava rumoroso e amigo o rio que o acalentára no berço e primeiro ouvira os seus queixumes de rapaz e as primeiras explosões dos seus beijos de poeta, sempre amoroso e fiel, com donaire e graça contornando a cidade quieta, nascera-lhe aquella estupenda idéa de viajar, de ver de perto essas officinas

gigantes, esses palacios maravilhosos, enfiados, descriptos com tanta minucia, com tão forte alma, e de trabalhar e de triumphar e de crescer e de ser falado tambem.

E aqui estava agóra, ha dois mezes, da Camara para o Senado, do Senado para as redacções dos jornaes, mendigando um emprego que lhe garantisse a existencia, desoladamente soffrendo a sua organização viril e insatisfeita, recalando a miseria que lhe acenava lugubre, imperiosa e escarninha, o corpo rodeado de fascinações a todo o momento, os olhos assombrados por tantos olhos feiticeiros e irrequietos, e elle, assim numa angustia, suggestionado pela insignificancia de um bonde lazarentamente puxado por duas pilecas magras e osudas, com aquelle aviso terrifico:—500 réis—*Junção do electrico!*

Oh! que de surpresas o verniz novo na madeira usada e os algarismos pomposos lhe promettiam á alma! Parecia-lhe que se apresentaria um novo mundo, uma nova vida para além, no arrabalde longinquo—*Junção do electrico*, com as suas casarias frescas e os seus jardins enrosados. E barafustava os bolsos, calculando os ultimos nickeis restantes da venda dos seus *trens*, no logarejo santo: o *tugupá* risinho, um quadrado simples e empalhado, a *Mimosa*, uma vaquinha gorda e de estimação, ultimos bens do seu velho pae viuvo, um rijo sertanejo austero! E, então, todo aquelle quadro de vida bonançosa e regalada lhe vinha á imaginação como um pesadelo, e elle ficava numa postura imbecil de tantalisado e saudoso, inerte, acompanhando o chocallar dos guizos das mulas roceiras que puxavam o bonde até á curva proxima.

Um dia, porém, (ó dia de ventura!) accordou na inabalavel certeza de desvendar aquelle mysterio! Rebolou-se todo na velha rede esburacada e immunda, e decidiu, num ultimo arranco de desesperado, ver, viajar no supremo requinte daquelle *chic* de civilização e ir conhecer aquelle arrabalde tentador, *Junção do electrico*. E, lepidido, saltou dos ninhos grosseiros, com a alma rubra de quem váe alcançar uma victoria. Dispensou as visitas diarias aos deputados e senadores, aos jornaes e á «casa de pasto» e andou todo o dia contente, cheio duma doce alegria de

passaro que váe noivar, pela rua do Ouvidor, pelo largo de São Francisco, pelo Rocio, antegosando aquella hora da tarde em que repontasse o bonde requestado. Por diversas vezes, recontou os derradeiros nickeis, trazidos da sua terra bemdita, cinco redondas e carunchosas moédinhas de 100 réis. Despira-se de todo o temor e parecia-lhe já que retardavam o bonde para magoal-o, retardando-lhe o *divino instante!* E mal apontou, ainda cabeceante, o bonde, para elle correu desvaivado, e todo o seu corpo foi uma só vibração, distenderam-se-lhe os nervos, e era como se uma forte rajada de coisas bôas e assombrosas se descortinasse fortemente aos seus olhos e uma sensação nunca sentida o envolvesse, obrigando-o depois, como um animal farto e cansado, a amparar-se, a sentar-se!

FRANCISCO SERRA.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DO ESTABELECIMENTO AO SEGUNDO CHACO

No mesmo dia em que tomámos o Estabelecimento, o Dezeseis teve ordem de regressar a Tuyucúê. Tinha ensarilhado as armas, em columna aberta de pelotões. Ao toque de reunir, entrou em forma. O Tiburcio mandou: *columna de marcha*, — e a musica, em acelerado, foi postar-se na frente. Soou a pancada surda do bombo, á vóz — *ordinario* — e, quando se ouviu: *marcha* — o batalhão rompeu garboso, aos sons alegres de um dobrado vibrante — o *quinze*, afinado. As fileiras estavam rarefeitas pela morte e a nossa banda excellente desfalcada de figuras importantes.

Toda aquella gente, que acabava de perder amigos caros e passára uma noite de fortes impressões e a manhã banhando-se em ondas de sangue humano, parecia contente, não se lembrando que os loiros colhidos eram orvalhados pelas lagrimas de centenas de mães inconsolaveis, de esposas amorosas que ficaram viivas e de filhas que perderam os paes queridos, seu unico arrimo, lagrimas derramadas na longinqua patria e tambem naquella heroica terra que se ensanguentava a cada passo. E todos aquelles homens pensavam ser christãos, sem cumprirem os divinos preceitos do amor e da paz!

O homem é egoista e o soldado não pensa. Ai das fileiras, si elles pensassem! Ficariam vazias, como dizia o rei philosopho, amigo de Voltaire,

Chegados a Tuyucué, partimos para Tayi. A marcha foi de um dia. Comandava esta posição o illustre general Victorino Monteiro, depois barão de S. Borja. Fôra official de cavallaria e, apezar de *balúano*, (era filho de Pernambuco) nenhum *guasca* lhe levava vantagem á frente de um regimento, dando uma carga de espada alta. Illustrára-se praticando nobres feitos militares.

Havia no alto do barranco do Tayi, si bem me lembro, um fortim estrelado, artilhado com canhões La Hitte, guarnecido por alguns corpos de infantaria. Havia outros, acampados fóra. Com elles ficou o Dezeseis, que armou o abarracamento muito perto do quartel general. A cavallaria acampára mais distante.

O cholera assolára cruelmente aquellas forças. Entre outros bons officiaes, arrebatou-nos o Bernardino de Senna Madureira, 1.º tenente de engenheiros, irmão do Antonio, tão distincto como elle, porém menos exaltado.

Pouco depois de chegarmos, o Tiburcio nomeou-me ajudante do batalhão. Foi um grande dia para mim. Antes, porém, fôra escalado para a guarda do quartel general. Havia seis mezes que não davamos esse serviço, porque estivemos destacados. Naquella epocha, eu era o que se chamava um *enthusiasmado*; tinha orgulho de ser soldado e sabia as instruções de cór e salteado. Rendi a guarda, com todas as formalidades do estylo, sem dispensar nenhuma particularidade.

Si, no acampamento, nunca dormi sem talim, calcule-se como estaria attento na guarda do general. Passei a noite em claro. Muito depois de meia noite, chamei o inferior e disse-lhe: Vou descançar um pouco; e, á menor novidade, me chame».

Mal ia conciliando o somno, elle despertou-me: o general Victorino, convidava-me para almoçar. Era cedo ou tarde de mais? Perguntei ao portador do convite, si era para ceiar. Disse que não: o sr. general almoçava sempre com o escuro.

Não sabia, quando entrei no pequeno rancho, si devia dar bôa noite ou bom dia. Tirei o meu bonet e sentei-me no lugar que s. ex. me designára junto a si. Era um dos seus ajudantes de ordens o meu amigo, collega e companheiro de casa no Rio, antes da guerra, 2.º tenente José Pereira da Graça Junior, que foi depois commandante da guarda nacional da Capital Federal, sendo eu ministro das Relações Exteriores. Naquella epocha, tinha appetite de alferes de infantaria. E o general, com a sua extrema bondade, me pôz á vontade. Entrei de rijo no almoço. O general pareceu gostar e, depois de me

ter servido, no fim de tudo, de umas marrecas ensopadas, que gabou muito e comi com bastante prazer, perguntou-me si estava acostumado a almoçar áquella hora. Respondi que não.

— Então a que horas, alferes?

— Sr. general, a falar verdade, não tenho hora certa; qualquer, para nós, é bôa; e temos sempre appetite.

Elle sorriu e depois do café, deu-me um charuto. Guardei-o, porque não me animei a fumar em sua presença. Aquelle velho soldado, que parecia briguento e rallador, e era um guerreiro denodado e terrível quando combatia, tinha um genio excellente e alegre.

Dous dias depois, foi o batalhão escalado pelas linhas avançadas do Caimbocá, fronteiras e proximas ao forte de Laureles.

O arroio Caimbocá, lembra-me ainda, era estreito, mas não podia ser vadeado, na linha, por ser fundo. Passava-o para o outro lado por pinguelas de dois páus, com corrimão de varas.

Bem junto á margem esquerda, em um campestre, orlado, á direita e á esquerda, de matta rarefeita, erguia-se um *mangrullo*, de cujo alto se avistava, ao longe, a linha pardacenta das fortificações paraguayas de Laureles. O Tiburcio subiu e pôz o binoculo. Era antes do meio dia. Perto daquelle mirante, o bravo major Feliciano Tamborim, commandante do 26.º de Voluntarios, caíra em uma emboscada e fôra feito em pedaços. Parece que o Tiburcio havia recebido ordens do general Victorino para reconhecer a posição, que se dizia bem defendida pelas obras accessorias e forte guarnição.

O Dezeseis passou para a margem esquerda do Caimbocá, e o Castello Branco, estendendo em atiradores a setima e a oitava companhias, avançou. O commandante marchava com o batalhão em apoio. Apareceu o superior do dia — o major da guarda nacional Amaral Ferrador, uma especie de gigante da fronteira rio-grandense, capaz de repetir em qualquer touro a façanha de Ursus, conterraneo de Sienchiewikz, no amphitheatro de Roma. Conversou com o commandante, e, em pouco, vimos entrar a galope no pequeno campestre, pela nossa esquerda, uns esquadrões de cavallaria, commandados pelo Chananéco, que se immortalisou em São Solano, combatendo, denodadamente, contra inimigos dez vezes superiores. O Tiburcio era o mais antigo e assumiu o commando das forças combinadas.

Os nossos atiradores avançavam rapidos, conservando o alinhamento. A cavallaria cobria a esquerda com uma *guerrilha*, e marchava flanqueando-nos.

Eu ainda era subalterno da 7.ª e avançava com ella. O Arthur Oscar

era o 1.º sargento, na vaga do Mascarenhas, ferido mortalmente no Estabelecimento. O Carlos Eugenio, si bem me recordo, já fôra transferido para a artilharia.

Passámos um banhado profundo, em que a agua nos dava pelos peitos. Os soldados puzeram as patronas e os *bogós* na cabeça. Eu perdi um cachimbinho de *escuma*, bem *quilotado*. Ao sairmos, rompeu do forte, sobre nós, um tiroteio pouco nutrido. O Tiburcio acreditou, talvez, que não estivesse artilhado; e mandou tocar: *Atiradores — avançar — acelerado*. As balas passavam zumbindo, e nós seguíamos, quasi correndo, sem disparar um tiro. O forte já estava perto. As trincheiras, altas, bem feitas, já se distinguiam claramente. O Chananéco mettu a galope os seus esquadrões. Tam chegar antes de nós. O Tiburcio gritou: «Não quero que a cavallaria chegue antes do Dezeseis. Estavamos muito perto; redobrámos de velocidade.

Foi um *steeple-chase* interessante, uma ardente corrida de obstaculos. Antes do grande fôssô da fortificação, havia muitas linhas de *bôccas de lobo*, dispostos em xadrez, com estrépes no fundo, cobertas pela folhagem verde e rasteira do melão de S. Caetano, que as mascaravam. Os cavalleiros, a galope, elegantes e bravos, reboleando garbosos as lanças de bandeiras vermelhas e as clavinias polidas, olhavam-nos, sobranceiros, com ares de superioridade. Os cavallos dos que chegaram á primeira linha das obras avançadas, afocinharam rodando nas *bôccas de lobo*. Enquanto se refaziam, ganhámos a frente pelos intervallos daquelles buracos, em forma de cone invertido, e penetrámos no recinto por uma pinguela lançada sobre o fôssô.

Era mais uma affirmação da superioridade da infantaria sobre as outras armas, principalmente quando o terreno é coberto de accidentes naturaes ou preparados pelo homem e onde os trens de artilharia não pôdem rodar, nem os regimentos de cavallaria manobrar transpondo difficuldades e obstaculos.

Seguimos em perseguição da pequena força inimiga até que se internou pela matta e desapareceu na sua espessura.

Estava tomado o forte de Laureles. Era o dia 27 de fevereiro. Havia trez mezes e meio, que as nossas tropas tinham occupado o Tayi, e outros tantos, que se pensava em expellir daquellas trincheiras a guarnição paraguayana, que se suppunha ser muito numerosa. Bastou o general Victorino entender-se com o commandante Tiburcio, para se esvaecer aquelle abantesma deante do Dezeseis. Foi para nós uma victoria incruenta. Não tivemos nem um homem fóra de com-

bate. Os paraguayos perderam trez. Voltámos para o *Caimbocá*, estendemos novamente a nossa linha e, no dia seguinte, fomos rendidos por outro batalhão.

Continuámos nessa monotona vida, sem impressões novas, até que o Dezeseis recebeu, nos fins de abril, ordem de seguir para Parecuê, onde estava acampado o commando em chefe. Alli foi reconstituído com praças de outros corpos.

Alguma coisa de serio se preparava. Nós, da *arraia miuda*, sabíamos, sómente, que iam completar o assedio da praça de Humaytá, fechar o cerco, como diziam os soldados. Mas, como isso já tinha sido annuciado mais de uma vez, perguntavamos uns aos outros, si seria a ultima ou si o cerco deixaria ainda alguma porta aberta. No dia 2 de maio, ao amanhecer, embarcámos na lagôa Cierva, no porto do celebre reducto, que tomámos, de assalto, a 19 de fevereiro, e cujas muralhas estavam já niveladas, com o chão, a golpes de enchada e alvião, manejados pelas mãos robustas dos soldados da divisão do general José Auto, mais tarde barão do Jaguarão, que tinha por ajudante de ordens o bravo Serra Martins.

Si não me falha a memoria, o encouraçado que nos transportou foi o *Tamandaré*, commandado pelo Miranda, onde morreu Mariz e Barros, e o commandante, Eliziario Barbosa, hoje almirante, perdeu o braço.

O Dezeseis enchia o tombadilho — sem amuradas. Quando o navio se approximava da costa paraguaya, a matta espessa fumegou, e balas choveram sobre nós.

O rio era fundo e a barranca alta. O *Tamandaré* encostou, e o Dezeseis, com o Tiburcio á frente, saltou para a terra: galgou a barranca, debaixo de uma fuzilaria cerrada e café sobre os paraguayos, á bayoneta. Como ajudante, eu avançava ao lado do commandante, seguindo por uma picada larga, que se afastava pouco do rio. Passámos por uma clareira, onde havia alguns ranchos de palha. Os paraguayos retiravam fazendo fogo e nós procuravamos alcançal-os. Já muito longe, o Tiburcio mandou tocar: *Dezeseis — alto*. Tirou uma divisão da 1ª companhia, commandada pelo capitão Alcantara, e disse-me: — Sr. ajudante, estenda esses homens daqui ao rio — e espere o inimigo; — o capitão Alcantara lhe protegerá a esquerda e cobrirá a rectaguarda. A direita, estava o rio. O Alcantara ficou commandando uma grande divisão.

Cumpri a ordem — estendendo os meus vinte e tantos homens pela fechada matta; mandei occultarem-se atrás das arvores, e um delles, agíl e vivo, subir a uma arvore adeante da linha para espreitar o inimigo.

A minha gente era magnifica. Todos estavam attentos e calados. Eu passava de um ponto a outro, recommendando boas pontarias e pé firme, — quando a minha vedeta bradou:

— *Seu ajudante, os caboclos estão ahi.*

— Desce! gritei.

— Ouviu-se uma algazarra infernal, parecia um bando de loucos. Os nossos gritavam tambem. As folhas cortadas pelas balas caíam das arvores, como açoitadas pelos ventos do outomno. O combate, travou-se violento, na matta sombria.

Os paraguayos que appareciam, eram fuzillados. Os meus soldados resistiam bravamente. Havia um — o João Bispo da Egreja, dos sertões do rio S. Francisco, que não dava um tiro sem gritar: — Viva são Bom Jesus da Lapa. Tinha, assim, mais fé na pontaria. Chegou-se a mim um velho cabo da força do Alcantara, e me fallou baixinho, meio desconcertado:

— *Seu ajudante, os caboclos já estão na sua rectaguarda.*

— Cala-te — disse eu.

A matta nos favorecia. Chamei os meus homens e desfilei com elles para a margem do rio, tiroteiando sempre, e fui sair muito abaixo na picada, onde a grande divisão que me protegia, pelejava dizimada sob o commando de um sargento — o Sylvino — um bravo camarada. O Alcantara e todos os officiaes da sua força estavam fóra de combate. A lucta travada na estrada recrudesceu e não tardou muito os paraguayos virem sobre nós. A distancia que nos separava diminuia rapidamente: nós, a pé firme, acertando as pontarias; elles, avançando decididos e gritando. Viamos bem a faixa tricolôr das pezadas barretinas de sóla, as chapas dos talabartes esbranquiçados e as pontas das bayonetas, que scintillavam menos do que as chispas que despediam aquelles olhos tórvos e ameaçadores. O momento era solemne. Gritei: vamos a elles, á bayoneta, rapazes!

Que scena indscriptivel! Os soldados do Dezeseis pareciam uns loucos furiosos. Os paraguayos fizeram alto, attonitos: estavam perdidos; não contavam com a manobra; deram meia volta.

Eram os nossos então que gritavam. O sargento, ás gargalhadas, dizia, no encalço daquelles bravos, que fugiam em debandada: — agora é que se vê quem tem roupa na mochila. Uns soldados bradavam: — espera ahi, caboclo do diabo; e outros: — corre, se não te pego. E assim fomos perseguindo-os, até bem longe. Não sei a distancia, nem o tempo que isso durou. Tudo passa, em fogo, tão depréssa!

Muito adeante, avistamos uma grande força, que nos recebeu com um tiroteio cerrado.

Fizemos alto. Ella avançava. Eramos poucos e a matta cerrada. Facilmente seríamos flanqueados, e cortada a nossa retirada. Fomos cedendo o terreno passo a passo, fazendo fogo, sem deixar, porém, nem um ferido, nem uma arma. Foi uma retirada bonita! O Tiburcio, que estava empenhado em outros pontos, ouviu o nosso tiroteio bem longe e mandou-me dizer pelo capitão mandante, José Lazaro Monteiro de Mello, que me recolhesse ao batalhão. Mal acabava de transmitir-me a ordem, o illustre official recebeu um ferimento mortal. Foi a ultima vez que apertei aquella mão leal e amiga. Amparei-o um instante, até ser conduzido, moribundo, por duas praças para a rectaguarda.

Continou a retirada, sempre em boa ordem.

Aquelles soldados nossos estavam, naquella dia, admiraveis. Um delles, chamado Manoel Leandro, crioulo da Bahia, que estava a meu lado, gritou que estava chumbado. Fôra ferido no rosto por uma carga de chumbo grosso. Os paraguayos usavam, algumas vezes, esses projectis.

Quando cheguei ao batalhão, estava elle na clareira e a bôcca da estrada defendida por dous canhões da bateria allemã do Rio Grande, commandada pelo capitão Amphrisio Fialho, que tinha na mão esquerda uma carabina de sabre armado.

Para um e outro lado da estrada, viam-se os outros canhões, guarnecidos todos por esses valentes, que se chamavam Guilherme Von Steuben, Muller, Schmidt, Drauber, e que deramavam, cheios de fé nos esplendores da patria querida dos seus filhos, na terra da liberdade, o sangue generoso.

O verde-negro da matta tinha uns tons vermelhos, que distinguíamos através dos nevoeiros do tiroteio: eram os paraguayos, avançando em grande numero. O Fialho os recebeu á metralha, que os varria incessante e inexoravel. Vi-o cair estendido junto á conreira de um reparo. Tinha um ferimento no quadril esquerdo. Lembrome bem, porque estava perto e fui eu quem mandou conduzi-lo para trás de uma arvore. Foi substituido dignamente pelo meu velho amigo Marciano de Magalhães, então 2º tenente e um bello e guapo rapaz.

Os canhões lançavam, fatidicos, a sua rede de metralha e a fuzilaria não cessava. A's vezes, parecia recrudescer nas fileiras inimigas. Talvez fôsem reforços que lhe chegavam.

Muitas vezes, arrojaram-se sobre nós. Crescia a audacia das arremetidas; mas, eram sempre repellidas. Parecia não ter fim aquelle torneio, cujo paladino principal era o Tiburcio, que observava, com visivel impaciencia, a espantosa liça.

Vi-o torcer, com força, a ponta do

bigode aloirado. Ia mandar a manobra decisiva, muito nossa conhecida no Dezeseis:—uma carga de bayoneta.

O corneta-mór deu o toque, e os outros o repetiram, vibrante, e os echos daquelles bosques tetricos abafaram alegres os sons tristes do chocalhar da metralha com as notas alviçareiras. O batalhão carregou terrível, levando tudo por deante.

Travaram-se combates em pequenos grupos e até singulares. Levámos muito longe os bravos adversarios, que deixaram o terreno juncado de corpos ensanguentados.

As nossas baixas fôram pouco numerosas. As forças, perseguidas, desapareceram na espessura. Voltámos á clareira, estendemos na frente alguns atiradores. Criamos não sermos mais incommodados.

Estavamos, porém, attentos e alerta.

Longe, bem longe, na volta da estrada, avistámos um homem com outro nas costas. Approximava-se o estranho grupo. Eram dois inimigos que se auxiliavam mutuamente, como o cégo e o paralytico da parabola divina. Um paraguayo carregava um soldado nosso, ferido, que nol-o entregou, entregando-se tambem.

Quem sabe o que se passava naquella pobre alma? Foi uma diversão agradável ao nosso espirito, havia muitas horas dominado pela forte tensão de impressões violentas.

Fomos mais tarde atacados e com grande vigor. O commandante, sempre calmo e attento, dispunha habilmente as nossas forças, procurando flanquear o inimigo e saír-lhes pela rectaguarda.

Ao Castello, confiou esse difficil encargo — coroado do mais brilhante resultado. Não chegou a cortar ao inimigo a retirada. Seguiu com os soldados da 7.^a, pela margem do rio, abrindo-se atrás dos troncos e nas anfractuosidades da barranca, abaixados, calados, até surprehendel-o de flanco. Avançou rapido e debandou-o.

Ao Dezeseis couberam as glorias do dia. O tiroteio continuou sempre, porém menos nutrido. Ao caír da tarde, eu estava na estrada com a espada desembainhada na mão direita e na esquerda o revolver, cuja capa de sóla amarella com o bocal de bronze me pendia ao lado esquerdo, cobrindo-me o peito, descendo até á cintura e presa a tiracollo pelo cinturão, servindo de talabarte, quando senti um golpe fortissimo na virilha esquerda e caí estendido a fio comprido. Não perdi os sentidos, nem sentia dôres: levantei-me. A capa do revolver salvára-me: a bala batera no bocal de bronze, achátára-o como uma lamina, resvalára, rasgando-me a blusa e a calça, não penetrando nesse ponto de ferimentos mortaes. Ainda pude continuar, mas, no dia seguinte, só Deus sabe como

marchei, sentindo grandes dôres na região, toda inflammada.

Fiquei, neste dia, com o meu fardamento novo, comprado no Parecuê, todo esburacado. O bonet, a blusa, a calça, as botas e até a capa do meu revolver fôram baleados. O Antonio Faustino teve, depois, grande trabalho para coser tudo aquillo.

O Tiburcio ficou contentissimo com o Dezeseis, que mais uma vez confirmou os seus credits de disciplina e bravura. A sua satisfação manifestou-se na parte do combate, redigida por elle, em estylo terso e brilhante. Para cada official, tinha uma palavra animadora e narrava os factos com eloquencia. Os inferiores e soldados nunca eram esquecidos. Não me lembro, já lá vão tantos annos, sinão do que escreveu sobre o Meirelles, alferes do 3.^o de infantaria, rapaz forte, loiro, corado, jovial e bem educado; era rio-grandense. O Tiburcio fez-lhe o seguinte elogio: «O alferes Meirelles, do 3.^o, combateu no 16.^o, com incrível audacia.» Ao Castello Branco, deu o que merecia o heroico capitão. Do ajudante, disse que se portou de modo a enthusiasmal-o. Esses documentos curiosos de uma epocha afastada, deviam ser publicados.

Referindo o que se passou nesse combate, que foi um dos mais encarniçados, exprimia-se, mais ou menos, nestes termos: «Sendo eu o primeiro official superior que desembarcou, dispúz as forças... *deste e daquelle modo*. O chefe, a quem fôra a parte dirigida, não ficou satisfeito com aquella franqueza e lhe disse amistosamente: «Porque não escreveste que fui eu quem te mandou? «Mas si tu não me mandaste nada?!... retorquiu o Tiburcio. E ficou nisso, e a parte seguiu ao seu destino. Elle confessava que lhe pezava immenso fallar dos seus feitos, mas si não o fizesse no principio da guerra, o obscuro filho da Viçosa, ficaria sempre ignorado. Talvez assim fôsse, porque o Castello Branco fez toda a guerra no posto de capitão, praticando prodigios de bravura e morreu sem ser promovido. O Luiz Maria de Oliveira, official distinctissimo, foi para a campanha em 1865, como alferes em commissão e voltou, depois da guerra concluida, sendo promovido, então, á effectividade deste posto. Era questão de sorte. Os *caiporas* não podiam lutar com o destino, que se voltava sorrindo a outros que não tinham, muitas vezes, o valor delles. Todo o Dezeseis soffria desse mal inexplicavel.

Nenhum regou mais de sangue a terra paraguaya, nem enfeitou de louros mais virentes a patria amada. Entretanto, outros ostentavam nas suas bandeiras a venera cobiçada do cruzeiro. A do glorioso batalhão ba-

hiano não se adereçava com as fitas honorificas de celeste azul, mas tinha os atavios honrosos das desbotaduras da polvora e os farrapos fluctuantes rasgados pela metralha. Nenhum dos teus irmãos, por maior que fôsse a sua fama, valia mais do que tu, meu Dezeseis querido. Todos sentiram, deslumbrados, os clarões das tuas glorias, agóra singelamente narradas á luz incerta da memoria do mais obscuro dos teus officiaes, mas, seguramente, um dos que mais te amaram.

DIONYSIO CERQUEIRA.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O RADIUM — O URANIUM — O MINERIO VERDADEIRAMENTE PRODUCTOR DA MATERIA ACTIVA.

São conhecidos os esforços empregados pelos esposos Curie para extrair o famoso metal, no estado de sal, dos residuos do pechblende de Joachimsthal. Considerando que a dose delle é infinitesimal, não excede de um decimo millionesimo no minerio mais rico, não admira a carestia do radium, que custa, actualmente, cerca de duzentos mil francos a gramma, e por isso não ha, em todos os laboratorios do mundo, mais de uma duzia de grammas.

Isto tem determinado pacientes pesquisas scientificas para encontrar o precioso metal em minerios mais baratos; essas pesquisas, porém, fôram, até pouco tempo, estereis.

E' facil de imaginar o alarma, provocado no mundo scientifico pela descoberta de uma jazida de pechblende em França, no Saone-Loire, nos arredores de Issy-l'Evêque, em Grury e, sobretudo, nos sitios denominados Dorains e Toulins.

Mr. J. Danne, preparador de Curie, na faculdade de sciencias da Universidade de Pariz, fez um estudo completo desses terrenos e a exploração já começou.

O minerio radifero encontra-se em certos terrenos saturninos, perto de Issy-l'Evêque. Vinte metros mais abaixo, fôram encontrados filões de galena, que, com os seus compostos de chumbo, é constituida por phosphatos, pelo pyromorphilo, pelas argilas saturninas, pelos pegmatilos. E' caracteristico que nenhum desses mineriaes continha uranium, quando, até agóra, só se observára a presença do radium nos compostos uraniferos, de modo que se chegou a pensar que o uranium seria o gerador real do radium. A ausencia do uranium no minerio de Issy, parece contrario a essa hypothese, mas não se pôdem ainda tirar conclusões definitivas, quanto á

genese provavel da substancia radioactiva, nas jazidas do Saone-Loire.

A capacidade do radium, em minerio, é muito variavel, e sómente fornece quantidades de bromureto radifero da grandeza de um centigrammo por tonelada, podendo variar de 0 gr. 0001 a 0 gr. 05. Nisto, consiste o perigo da exploração: não se sabe já-mais si o minerio colhido é muito rico ou muito pobre. E' tambem possível que o mesmo minerio encerre, egualmente, outras substancias activas, como o polonium, o actinium. Em todo o caso, o que parece certo é que a radioactividade do mineral nada tem com a sua composição. O mineral parece ser, apenas, o suporte do elemento radioactivo. E' mistér que elle tenha certa porosidade, sendo, portanto, a rocha compacta desprovida de radium. E' bom indício que se apresente com um certo gráu de humidade.

A pyromorphite de Issi-l'Evêque encontra-se em filões estreitos, encastoados nas rochas quartzosas e feldspathicas, e esses pequenos filões são sempre muito humidos, o que se explica pelas numerosas fontes que irrigam o sólo saturnino, muito permeavel, em toda a região. Todas essas aguas são ricamente radioactivas, facto muito suggestivo, porque pôde conduzir a uma explicação da radioactividade do minerio.

Havia algum tempo que mr. Strutt assignalara a presença de compostos radiferos nos depositos das aguas thermaes de Bath, na Inglaterra. Elle admite que as aguas servem de vehiculo á substancia activa que se transporta das profundezas em que, provavelmente, jazem, em companhia do uranium, até á superficie do sólo. Continuando as observações de mr. Strutt, mr. Dauue examinou, minuciosamente, as aguas radioactivas da mina, com auxilio de mr. Laborde, da qual se pôde extrair um gaz com todas os caracteres da emanação do radium. Tratando um volume consideravel dessas aguas, se obtém um precipitado de uma actividade permanente, que sómente se pôde explicar, admittindo a existencia de um sal de radium em solução nessas aguas. Desde então, a genese da jazida de Issy-l'Evêque se tornou simples e conforme ás vistas de mr. Strutt: as aguas carregaram-se de productos fortemente activos, passando, nas grandes profundidades, sobre substancias uraniferas e radiferas e são esses productos os que ellas abandonam, no trajecto até á superficie da terra. Nesta hypothese, o minerio subterraneo, verdadeiramente productor da materia activa, seria tambem o uranium, evitando assim as contradicções com os primeiros conhecimentos adquiridos.

A presença dos mineraes activos,

nessa região do Saone-Loire, explica-se definitivamente, pelo facto de haver mr. Lacroix assignalado nos arredores de Saint-Symphorien de Marmagne, a presença do phosphato de uranium e de cal. E' possível que esses depositos superficiaes continuem, em profundidade, sob a fórmula de importantes jazidas uraniferas.

Como quer que seja, temos ainda o radium no terreno da discussão sob aspecto novo. A jazida, em questão, demonstra que, além dos minerios de uranium sempre raros, de tratamento complicado e dispendioso, será possível encontrar materias pouco ricas nas quaes a extracção do radium não apresentará grandes difficuldades. Parece que, nessa orientação, se descortina o verdadeiro roteiro da futura producção do mysterioso e preciosissimo metal, que, dentro em breve, descerá dos preços fabulosos, que tornam o seu emprego difficil, fóra do alcance das bolsas modestas e quasi um luxo dos laboratorios opulentos.

O nosso voto é que estas informaçoes possam animar a iniciativa de pesquisas para a descoberta do radium nas regiões brazileiras, tão ricas de varios minerios, infelizmente, quasi sempre revelados pela intervenção do acaso, como aconteceu com as areias monaziticas, de que tinham o privilegio certas regiões, muito reduzidas, do velho continente.



As testemunhas no processo criminal

REGRAS ANTIGAS—PROBLEMAS NOVOS

Não é moderno o empenho dos legisladores e dos juristas no sentido de darem á prova por testemunhas o maior grán de credibilidade, escoimando-a de certos defeitos e submettendo-a a certas regras preventivas do erro e da mentira.

Defeitos materiaes e defeitos moraes, suspeições e motivos de recusa apparecem sempre os mesmos, nos mais antigos monumentos da legislação; denunciando-se, a cada passo, o reconhecimento da fallibilidade humana, quando posta em contacto com o mundo exterior.

E' assim que, em mais de um topico das Leis de Manú, se encontram sabias advertencias como as que se vão ler:

«Devem ser escolhidos para testemunhas, em todas as causas, homens dignos de confiança, conhecedores dos seus deveres, isentos de ambição; sendo desprezados os de caracter opposto».

«Não devem ser admittidos aquelles que são dominados por interesse pecuniario, nem os amigos, nem os inimigos, os

domesticos, os homens de reconhecida má-fama, os enfermos, os criminosos».

No mesmo ponto, obedecendo aos principios moraes daquelles tempos remotos e á organização social do povo hindú, se repellem os depoimentos dos artistas de baixa classe, dos actores, dos mestiços—o que, agóra, certamente, parece estranhavel. Entretanto, tambem se diz, allí, que não devem ser acceitos os depoimentos de um velho muito idoso, de uma criança, e de pessoas cujas faculdades estiverem enfraquecidas—recommendações essas que não nos repugnam.

Outrosim, se declara expressamente que não é de accetar o depoimento de um *só homem*—regra que ainda hoje está nos tratados e é attendida na pratica judiciaria.

Em todo caso—adverte o divinamente inspirado legislador hindú—quando o caso fôr succedido em uma floresta ou lugar ermo, seja quem fôr que o haja presenciado poderá depôr. Ninguém dirá que é absurda essa excepção, aliás encontrada, sob outra forma, nos nossos livros modernos.

Mais adeante, no mesmo capitulo das citadas leis indianas, se prescreve:

«é nullo qualquer depoimento dado por ambição, medo, amizade, concupiscencia, colera, ignorancia ou imbecilidade».

Em outro ponto, se recommenda que a testemunha deponha *voluntariamente*, pois o que disser, sob qualquer influencia, não deve ser admittido.

Si de uma antiquissima civilização de raça aryana, como a hindú, passarmos a outra de raça semitica, como a hebraica, reconheceremos, nas leis do processo criminal, o mesmo cuidadoso empenho de garantir o accusado contra as incertezas do testemunho.

Analysando uma passagem da obra erudita de Salvador, acerca da historia e civilização do povo de Israel, o grande jurisconsulto Dupin notava que todo o processo criminal do Pentatheuco assenta em trez regras:—publicidade dos debates, liberdade completa para a defesa, *garantias contra o perigo das testemunhas*.

Effectivamente, segundo o texto hebreu, uma só testemunha é nulla; necessario é, para formação da prova, que deponham duas ou trez testemunhas, dignas de fé. (DEUTERONOMIO, cap. XVII, vers. 6; cap. XIX, vers. 15).

Entre os Israelitas, a testemunha que dava a denuncia devia jurar que dizia a verdade; para prova da convicção que tinham acerca do delicto, as testemunhas eram as primeiras pessoas que golpeavam ou lapidavam o condemnado á morte.

No plenario, antes de prestar cada testemunha seu depoimento, era solemnemente exhortada a dizer a ver-

dade, só a verdade. Não podiam jurar, como testemunhas: a *mulher*, (por se presumir que não tinha força para dar os primeiros golpes ou atirar as primeiras pedras no condemnado); a *criança*, (por não ter responsabilidade), o *escravo*, o *homem de má fama* e a *pessoa enferma*, cujas faculdades mentaes estivessem alteradas. Demais, as testemunhas deviam dizer, com precisão, o mez, o dia, a hora e as circumstancias do facto, bem como deviam reconhecer formalmente o accusado.

No Direito Romano, como geralmente é sabido, estes principios e outros, já, então, bem separados das fórmulas religiosas, com que se confundiam no direito hindú e no direito hebraico, se firmaram pela doutrinação e pela jurisprudencia escriptas, passando, por intermedio dos glossadores, aos povos occidentaes. A persistencia dessas regras de processualistica romana através dos seculos, a immutabilidade dos seus termos, a prova do seu tradicionalismo, se encontra em uma obra, contemporanea da de Mittermaier e muito mais substancial, do advogado Giuseppe Brugnoli, DELLA CERTEZZA E PROVA CRIMINALE (Modena, 1846). Em pontos essenciaes, as doutrinas acerca das suspeições e imperfeições das testemunhas são, hoje, o que eram quando escreviam Brugnoli e Mittermaier, não differindo notavelmente das que esposavam os criminalistas Farinacio e Menochio, no seculo XVII.

Tire-se da famosa e moderna LOGICA DAS PROVAS, de Frammarino dei Malatesta o que ella contém de metaphysico e palavroso — o mais não é superior ao que, a proposito dos mesmos assumptos, se encontra em Brugnoli ou mesmo em Farinacio!

E' incontestavel, porém, que a obediencia a todas essas regras de processualisticas, aconselhadas pela experiencia secular de tantos povos, não tem bastado para, nos tempos modernos, evitar que a Justiça Repressiva commetta os mais lamentaveis erros judiciais, baseados no testemunho de pessoas insuspeitas e dignas de fé! Uma parte desses erros póde ser levada á conta de falsos depoimentos, prestados com o fim de, enganando os juizes, obter-se condemnação de innocentes. Para desgraça e descredito da misera creatura humana, já tão sobrecarregada de fraquezas e enfermidades moraes, as chronicas judiciais, registram casos desses, cheios de espantosa infamia. Entretanto, o que impressiona não é o falso testemunho, nem a denuncia calumniosa, como origem dos erros judiciais. Si fôsse facil ao juiz bem averiguar todas as qualidades dessas testemunhas, as condições em que

com os accusados e com terceiras pessoas, sua situação economica, seus prejuizos politicos e religiosos, certamente encontrariam serios motivos de suspeição, e, então, seus defeitos entrariam no quadro dos que auctores novos e velhos apontam, desde muitos annos, repetindo os Hindús e os Hebreus.

O problema é muito mais momentoso. Aparecem, quando se esmerilham erros judiciais e se lhes estudam as causas, testemunhas *judicialmente perfectas*, reunindo todas as qualidades exigidas pelo direito tradicional, e sem a menor intenção de offender a verdade e accusar um innocente, que, entretanto, narram factos contrarios á realidade, descrevem circumstancias e peripecias que nunca se deram, reconhecem creaturas que nunca viram!

Dessas testemunhas póde-se dizer que são falsas objectivamente consideradas; mas subjectivamente não o são, porque depõem o que a imaginação lhes representa como sendo a verdade. Em relação a ellas não têm efficacia, absolutamente, as velhas precauções do Processo Criminal, nem a sanção penal do falso testemunho lhes póde ser applicada, com justiça. Tentaremos averiguar, em outro artigo, as origens psychologicas dessa pavorosa e frequente calamidade, e quaes os remedios que a Sciencia e a experiencia judiciaria aconselham para tornar menos provavel sua repetição. O estudo é interessantissimo e tentador, sómente sendo de lamentar que, entre nós, já não tenha sido tratado por penha mais competente e valorosa.

EVARISTO DE MORAES.

PAGINAS ESQUECIDAS

DIA D'ANNOS

Faço hoje annos, trinta annos! Que abandono!
Ai! adeus, mocidade!
Que eu sinto, ó primavera, que te invade
O desconforto e a lividez do outono!

Paralisa-me a alma um tedio enorme.
No meu quarto de estudo,
Mappas, livros, paineis, retratos, tudo,
Tudo parece que repousa e dorme.

Mais um anno de vida! Que epigramma
Crivado d'ironias!
Trezentos e sessenta e cinco dias
Em que a morte me andou fazendo a cama
No restolho das minhas alegrias!...
Mais um anno de vida:—que epigramma!

Eu vou descendo a encosta lentamente.
Que lugubres caminhos!
Sumiu-se o sol cujo calor ardente
Bebeu febril as aguas da corrente,
Crestou as rosas e desfez os ninhos!

Nem perfumes, nem canticos, nem flores!
Que solidões agrestes!
Que carnaval de lividos horrores!
Nem um planeta a orbita descerra!
O' morte, quando é que tambem me vestes
Um negro dominó feito de terra?

Como deve ser bom num dia d'estes.

Um grupo de creanças,
Que erguendo os olhos limpídos, celestes
Venham beijar o seu papá, sorrindo
Com flores nas mãosinhas e nas tranças!

E para o quadro ser muito mais lindo

A mãe de roda dellas
—Meu Deus, que bom!—risonha e delicada,
Como una nuvemzinha illuminada
A fluctuar em volta das estrellas.

E depois do jantar
Vê-as correndo alegres no terraço.
Ou a saltarem rubras de cansaço
Nas sombras do pomar,

Em quanto a mãe, erecta, fina e grave,
Assentada ao piano,
Modula uma canção terna e suave
Na sua vóz tranquilla de soprano.

Que lindo sonho! E vejo-me sózinho.
E não tenho ninguem que me conforte!
Ouço o vento a chorar, tragico e forte.
Nos funebres chorões do meu caminho.
As lagrimas da morte.

Vem-me seguindo vagarosamente,
Num feretro pezado,
A minha louca mocidade ardente,
Meu triste coração despedaçado

A' proporção que os annos vão passando,
Uma branca mulher desconhecida,
Que eu sempre vi atrás de mim chorando
No decorrer da minha curta vida,
A' proporção que os annos vão passando,
Váe-os ella no feretro lançando.

Essa mulher, a minha companheira,
Com quem de noute muita vez converso,
Que eu temo e que eu adoro,
Lembro-me de a ter visto a vez primeira,
De pé, junto ao meu berço,
Quando chorei o meu primeiro choro,

Branca, assim como as esculpturas frias,
Dos marmores pagãos,
Pelas costas as tranças desmanchadas,
E nas pallidas mãos
O bandolim das minhas alegrias
Com as cordas quebradas!

No silencio das noites estrelladas
Canta, em dôces estrophes cadenciadas
D'um rythmo tão sereno!
A lenda dos meus sonhos côr de rosa,
Que tem a nostalgia dolorosa
Das balladas do Rheno!

Pois bem, essa mulher que me acompanha
Chorando desgrenhada,
Que temo e que bemdigo,
Quando eu chegar á base da montanha
Haveis de vê-la enfim, petrificada,
Em pé no meu jazigo.

MACEDO PAPANÇA.

*
* *

CONCURSO DE BELLEZA

Lisbôa foi hoje honesta. Saude-mol-a, nós que todos os dias lhe censuramos os erros e as tolices. Annunciára o Jardim Zoologico um concurso de belleza para meninas de 10 a 15 annos, com premios d'ouro, e exhibições plasticas, perante um jury de *cavalheiros entendidos*

Pois ao contrario do que se espe-

rava, só lá appareceram familias possuidoras de meninas fóra de concurso. Ao todo, umas quatro duzias de monstrosinhos, modestos, d'olhos baixos, com caras de gravuras do *Occidente*, e que, ao passarem rez-vez do jury, pareciam dizer-lhe angelicamente: — Não, nós não viemos cá ao cheiro dos premios, como muito bem prova a certidão que os nossos papás nos escreveram na figura.

— Nós viemos, mas foi p'ra ver os *bichos*.

Nesta palavra *bichos*, ironia das feias, ás bonitas, e ironia assim aos membros do jury, que fôram toda a tarde os unicos... expostos.

Em termos que o certamen de belleza, sobre não ter dado ao Jardim a enchente cubiçada, inda por cima invertiu os tramites da festa, tornando-a num concurso proposital de fealdade.

Oh, é celeste a virtude — é celeste e consola — bello ou geboso o corpinho em que resida!

Toda a pequena burguezia de Lisboa comprehendeu d'intuito, felizmente, o quanto seria odioso expôr as filhas ao som duma fanfarra, por dinheiro, como nas feiras, e num local onde só é costume haver exposição de phenomenos e de cães. Porque, no fim de contas, que é um concurso de belleza? Uma prostituição sem posse, que, ao convergir sobre meninas de 15 annos — idade em que o sexo não hesita mais, e o character apprehende, das suggestões exteriores, o abstracto das suas determinantes de toda a vida — muito bem pôde tornar-lhes a formosura em idéa fixa, acarretando-lhes, por esse facto, todos os senões de mulher bella por officio, a começar pela vaidade, que as faz tolas, e a dar fim no exhibicionismo, que as faz adulteras.

Desgraçadamente, não faltam ás nossas raparigas factores de hereditariedade morbida, d'imitação, de meio, que, impossiveis de varrer ás vezes da educação da infancia, tão perigosas crises vem a produzir, na adolescencia.

Basta lembrar o viver promiscuo dos grandes predios de Lisboa, onde dezenas de familias apodrecem sob o mesmo tecto, em casas sem jardim, servidas pelo mesmo gallego e pela mesma porta, despejando os restos no mesmo barril, vigiando-se umas ás outras, sujeitas á alcovitagem das

creadas, pela manhã, na escada, ás horas da hortaliça; e não podendo chegar a uma janella, saír á rua, entrar num theatro, ler um cartaz, que logo trinta mil conspurcações lhes não façam pst! á attenção, solicitando-as, captando-as, resolvendo-as, como outros tantos dissolventes grosseiros do pudor das mães, de alvinitencia das filhas, e do recato austero do interior.

Mercê do clima e do regimen intimo da vida, a raça portugueza é precocissima.

Aos quinze annos, não ha rapaz, em Lisboa, que não tenha já um filho — de dezoito.

As meninas ainda ás vezes não téem largado as bonecas, eil-as já nubis, e subitamente roídas pela instinctiva suspeita duma funcção em que ninguém lhes falla, e ellas presentem já, no que lhe occultam.

Ponham na confidencia destas andorinhas, agóra, alguma dessas creadas de Lisboa, contractadas na agencia, e vindas de todos os *bas-fonds* do vicio eventual. Dêem-lhes por escola, em seguida, o pensionato da d. Andreza, num terceiro andar da Baixa, que cheira a iodoformio, e é, ao mesmo tempo, casa de hospedes. Abra-se-lhes a janella, por camarote dos espectaculos da rua. O noticiario dos jornaes por *Bibliothecas de Damas*. A Avenida por logar de folego e de passeio.

— Não é verdade que tudo isto basta ás impressionaveis, para exasperar nellas o sexo, e fazer ferver nessas doidejantes cabecinhas o desejo do sêr — complementar?

Expôl-as ainda por cima, num parque, exaltar deante dellas a carne — medeante premios e o exame clinico dum jury — que é isto, senão assentar cupula infame num edificio d'estimulos condemnaveis, que as pobres téem vindo a sentir levantar-se, dentro dellas (mercê das causas que atrás puz) e que ás *propensas* dará a noção de que a formosura é uma coisa que publicamente toma o passo á virtude, e que ter bonitos olhos é muito mais rendoso do que possuir bonitas qualidades?

Dahi, sob que aspectos estheticos ia o jury encarar, no concurso do Jardim Zoologico, esta noção abstracta da belleza? Que definido typo, e que modelo invocaria elle, para proclamar a belleza da menina Amelia, supe-

rior á belleza da menina Octavia? A que exames estava resolvido a proceder? Contentar-se-ia com as exterioridades simples, nada illucidantes, ou exigiria provas mais experimentaes? Como termos de comparação para chegar a um veridictum, o exame do jury limitava-se ao rosto, e seus annexos, ou premeditava... descer? E em qualquer dos casos ainda, os tramites desse exame eram simples actos de visão, ou exercer-se-á o testemunho doutros sentidos?

Os cavalheiros *entendidos* que o digam! Porque ha trinta meios de apreciar a belleza. A menina Dorothea pôde ter um rostinho de deusa, e ser coxa. A menina Claudia pôde ter beiços de preta, e uma dentadura deslumbrante. Respondam os membros do jury: no caso de terem de se decidir por alguma das duas meninas, far-lhes-iam abrir a bocca? revistar-lhes-iam as regiões locomotoras — com oculos, sem oculos? — avaliando da finura de pelle, por meio de festinhas corridas á flôr das regiões apreciadas, e do estado de firmeza dos tecidos, por via de beliscões e cocegas exercidas nos plexos sensiveis dessas regiões?

Porque tudo isto são factores d'apreciação, que era indispensavel interviessem conjunctamente no voto final de s. exas. Fallem, pois, com franqueza! Não se constitúe um tribunal dessa supremacia artistica, sem primeiro accordar num typo idéal de referencia, e num plano de indagações, destinado a aferir todas as examinandas pela mesma bitóla.

Pódem s. exas., os membros do jury. dizer-me, ao menos — que bitóla era essa?

Porque, emfim, elle ha milhares de modelos, milhares de typos. Ha a belleza loira, ha a belleza morena, a belleza pallida, a belleza rosea, a belleza sanguinea — fundada na sympathia (premio de consolação para as que nem são bonitas nem feias) — fundada na intelligencia (especie de refrigerio das horrorosas) — fundada sobre a carne, e que, espessando-se, como s. exas. muito bem sabem, chega ás vezes a identificar as meninas co'as vaccas, — peço desculpa — parideiras. Ora, o jury dos cavalheiros *entendidos* não aclarou sufficientemente estes detalhes... e

dahi, talvez, a retracção das familias possuidoras de meninas — nos casos.

Supponhamos agóra que os cavalheiros do jury são papás (com certeza não são) e téem todos, ou alguns, lá por casa, umas rapariguitas vivas, de 10 a 15 annos, mimosamente educadas no recato domestico, entre pudores familiaes, com o escrupulo e a austeridade de quem prepara, nesses implumes sêres, noivas idéaes, mães de familia immaculadas, idolos do lar, emfim, futuros e divinos. Tanto os cavalheiros, como suas respeitaveis consortes, andam constantemente ao de redor dessas adolescencias de filhas, vendo-as crescer e desabrochar, com o religioso orgulho de progenitores enternecidos da sua obra. Não ha palavra dubia que lhes não evitem, suspeita d'idéa má que lhes não poupem : são por toda a parte exames demorados, escrupulos sisudos, a respeito da escolha do collegio, da escolha das amidades, da escolha dos vestidos. Esta creada não tráz a carta limpa ? Recusa-se, não vá ella suggerir algum máu exemplo á nossa filha. Na casa das Lopes consente-se, ás noites, o gargarejo dum saírgento aspirante ? Evite-se immediatamente a intimidade dessas impuras donzellas com a nossa.

E um dia, voltam os cavalheiros da repartição, e dão subitamente de cara com os cartazes do Jardim Zoologico, annunciando que um grupo de mariolas, constituido em dictadura artistica, resolveu convidar as filhas de v. exas., a uma especie de bazar, onde as pobres pequenas figuram de prendas, haverão que sujeitar-se a uma prova publica (qual seja, importa pouco) que só costumam soffrer as escravas, nos mercados devassos do Oriente, e as prostitutas somenos, nas praias e estações d'aguas francezas, onde vão divertir-se os deboxados ricos de todo o mundo.

E' de prever que v. exas. entrem então em casa furiosos, e com um desejo violento de trez coisas : prohibir á familia a visita ao Jardim Zoologico ; reclamar da policia dos costumes o immediato arrancamento dos cartazes ; finalmente, ir ter com os membros do jury do tal concurso, e...

FIALHO D' ALMEIDA.

O ALMIRANTE (26)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XIV

A marquezia e d. Eugenia saboreavam, lentamente, as gulodices da sobremeza, regada com pequenos tragos do fino e velho vinho do Porto, uma joia de adéga, quando lhes annunciaram Dolores, que, muito apressada e, dessa vez, fatigadissima, penetrou a sala de jantar, como um gracil tufão de surah, impellindo uma onda de perfumes capitosos, uma exquisita fragrancia de mulher elegante. Sem articular uma palavra, beijou, carinhosamente, as duas senhoras e foi se desvencilhando do chapéo, das luvas, que entregou á mucama proxima e, depois de concertar com as mãos delicadas, brancas, de dêdos muito finos, armados de longas unhas de nacar, ponteadas e lustrosas como ferros de lança, sentou-se extenuada numa das cadeiras, a cadeira de Oscar, naquella tarde desoccupada.

— Perdôe-me, minha querida marquezia — disse ella, com um longo suspiro de allivio — se perturbo este doce *tête-a-tête*. Eu passaria a noite mal se não viesse vel-a para lhe agradecer a collocação do Dadá. Era um dever, que eu não podia deixar de cumprir hoje, um dever sagrado.

— Você exaggera, Dolores — observou a marquezia. — Já jantou ?

— Eu? Não tive tempo. Vim da *matinée* e tive de fazer uma porção de visitas. E' verdade — accrescentou, voltando-se para d. Eugenia — lá encontrei as meninas, Oscar e a infallivel baroneza de Freixo com os respectivos chilikues: teve não menos de trez, provocados pela suave oscillação do navio. Está ficando muito desfructavel aquella bonéca allemã, com os seus dengues muito mal fingidos, que já me não impressionam. Imaginem as senhoras para que havia de lhe dar a telha: para ter ciúmes de Oscar. Chega a ser um escandalo.

E como lhe servissem uma sopa e um pedaço de frango assado, ella contiuiu, comendo:

— Que lhe parece, marquezia, semelhante destempero ?

— Caprichos de mulher bonita — respondeu a marquezia, sorrindo.

— Com certa desenvoltura de modos que não ficam bem a uma senhora casada — observou d. Eugenia.

— Ella não sabe respeitar as conveniencias porque é muito destituida — afirmou Dolores, apontando a testa, com o garfo de prata. — Aquillo só tem estampa, muito deteriorada pelos cosmeticos, pelos apertos de espartilho, com os quaes o lôrpa do marido embirra, solemnemente, e com muita razão.

— Tem-se divertido muito ? — inquiriu a marquezia.

— Divertido é um modo de falar : estou em postas, moída, derreada com tantas festas. As minhas pobres pernas parece não terem ossos. Mas... afinal de contas, que fazer ? Quando a gente se mette na alta sociedade, fica compromettida a passar esmagada nessa engrenagem de deveres sociaes, o mais extenuante trabalho que se póde impôr a uma creatura fragil como eu. Essas festas aos chilenos téem sido uma verdadeira penitencia. O Dadá não supportou a pena de me acompanhar; deu parte de fraco por causa dos callos e lá está em casa saboreando a delicia de uns chinellos velhos. Que homem commodista !... Ah, como é doce a liberdade. A não serem esses abençoados callos, eu não estaria aqui; estaria em casa ouvindo um amavel, um edificante sermão sobre a inconveniencia de não faltar uma senhora, como eu, mulher de um magistrado, á bôda e baptisado, saracoteando por toda a parte. Não imaginam que catarina é aquelle homemsinho pacato, quando lhe véem os accessos de prégador de moral.

— Que se diz de novo ? — perguntou a marquezia.

— Nada ou muita coisa, o velho boato cochixado por toda a parte, desgostos do exercito, reuniões do Club Militar... Eu, por mim, não me occupo de politica, mas posso affirmar que o governo não anda muito tranquillo ; suspeita alguma coisa escondida sob essa calma apparente... Ha pouco, disse-me um official que a policia estava de promptidão. Tambem é verdade que houve hoje uma prolongada conferencia de ministros, disse-me o Sergio de Lima, na rua do Ouvidor. Alguma coisa ha; não ha duvida...

A marquezia interrogou d. Eugenia, com um olhar de suspeita.

— Ora — disse esta — boatos, historias de politica.

— Deve ser isso mesmo — confirmou Dolores.

Mas d. Eugenia e a marquezia não participavam dessa despreoccupação : recordavam os presentimentos do conselheiro, cuja vista amestrada penetrava o fundo dos factos, arrancando-lhe revelações inesperadas. As palavras de Dolores, indifferente ás coisas importantes, combinavam, todavia, com o que, havia pouco, d. Eugenia dissera á marquezia.

— Mas afinal, — disse esta, num tom aspero de affeição — que pretendem os militares; que téem a censurar a esse governo que está reerguendo os nossos creditos de nação ; que aspiram esses partidarios da desordem, da anarchia ?...

— Que pretendem ? — tornou Dolores, trincando uma amendoa nos dentes, alvos e solidos.

— Sim, que pretendem? — insistiu d. Eugénia.

— A Republica — respondeu Dolores, seccamente — olhem, uma *valentina*...

Houve uma pausa solemne, como se aquella palavra fulminasse as duas senhoras: o bello rosto da marquezia se contraíu numa expressão de horror e d. Eugénia empallideceu, num tregeito de repugnancia e como se vibrasse nos seus ouvidos uma impiedade absurda.

— Uma loucura — exclamou a marquezia, alteando a voz.

— Um desastre — accrescentou d. Eugénia—Se isso viesse, por desgraça, a succeder, o povo se levantaria como um só homem.

— Para defender o seu monarcha...

Dolores não comprehendia a razão dessa subita exaltação.

— O melhor é não pensarmos nisso — disse ella, continuando a trincar amendoas — os homens, os politicos que se avenham como puderem. Heide consultar ao Dadá sobre isso. Será uma diversão para o sermão que me está aguardando. A proposito: uma amiga foi á mulher das cartas, que tem feito revelações verdadeiramente extraordinarias.

— Você acredita nisso?—perguntou a marquezia.

— Não acredito, nem deixo de acreditar. A verdade é que ella tem feito assombrosos milagres de adivinhação. A minha amiga, mulher de um capitão, foi consultar a tal cartomante das cartas sobre o marido, de quem andava muito desconfiada.

— E' possível que gente de certa ordem desça a essas miserias!? — inquiriu d. Eugénia, muito admirada.

— Nós, mulheres, não perdemos, qualquer que seja a nossa posição social, as fraquezas do sexo; a superstição é uma dellas. Toda a gente fina do Rio de Janeiro é dada a feitiçarias: temos o coso do Juca Rosa, um horror, o caboclo da Praia Grande, um charlatão boçal, que realisa curas milagrosas... Mas... como ia dizendo, a minha amiga voltou da car tomante, assombrada: ella contou-lhe por miúdo a vida do capitão, os seus habitos, arrufos por causa de uns peccadilhos; penetrou a vida inteira do casal como quem percorre um livro, e chegou a afirmar que o marido estava muito compromettido com uma mulata, que o enfeitiçara com beberagens e sortilegios. A pobre senhora ficou passada de magoa, ouvindo a confirmação das suas suspeitas: ella notára que o marido andava tristonho, emmagrecendo a olhos vistos e muito indifferente.

Mas, estas bruxas que deitam cartas, nunca deixam o freguez desconfiado. Para compenar aquella terrivel revelação, ella affirmou que o capitão voltaria ao lar, muito arrependido e

muito amiguinho da esposa, isso depois de passar por muitos perigos de...

Nesse ponto da narrativa, Dolores chamou a attenção das duas senhoras, para a parte relativa ao objecto das inquietações politicas. A marquezia era toda ouvidos; mas, d. Eugénia começou a cochilar, recostada numa poltrona.

— Perigos de vida, — continuou ella — porque ia haver, brevemente, no Rio de Janeiro, uma guerra contra o Imperador e os padres, na qual o bravo militar tomaria parte muito activa, e galgaria uma posição muito importante, sendo promovido.

— Mas, que tem isto com os nossos receios? — perguntou a marquezia.

— A pobre mulhersinha ficou muito consolada e fez-me a confidencia das suas esperanças, fundadas no facto de andar o marido, havia dias, muito preocupado, muito mysterioso, recebendo em reserva frequentes visitas de officiaes, de inferiores, com ares de inquietação, que não podiam disfarçar. No dia 9, no dia do baile da ilha Fiscal, disse-me ella — o marido fôra a uma reunião do Club Militar e voltára a casa, extremamente nervoso, a passear de um lado para outro da sala de visitas. Que tens? — perguntou-lhe a pobre, tremendo de afflicção... Jogamos hoje uma cartada decisiva — murmurou elle — Váe ser decidida a nossa sorte. O exercito não póde mais supportar tantas humilhações e violencias. O homem, perturbado como estava, estoirava em confidencias á mulher e, entre outras coisas incomprehensíveis, sem nexo, deixou escapar que, naquella dia, o Benjamim Constant ficára com plenos poderes para resolver a situação.

— Será isso verdade? — exclamou a marquezia, num tom energico que sobresaltou d. Eugénia, quasi adormecida.

— Eu não sei se é ou não verdade, querida marquezia: conto, fielmente, o que ouvi. Agóra, numa observação minha: Notei, no baile da ilha, certa frieza, como se aquella multidão brilhante estivesse alli por formalidade, cumprindo um dever, e vexada com a presença do Imperador, que partiu antes da meia noite e depois de tomar a canja indispensavel. S. magestade passou por entre os convidados, que se erguiam respeitosos: não houve saudação colorosa ao monarcha. Além disso, foi, geralmente, notada a falta de officiaes...

A marquezia, como se não ouvisse a observação de Dolores, caíra em funda meditação absorvente, lembrando que Oscar lhe communicára a mesma impressão, sem, todavia, dar-lhe importancia.

— Estão despeitados — ponderou d. Eugénia — com os actos de energia do governo.

Um creado annunciou o conselheiro, que appareceu logo á porta da sala de jantar.

— Muito bôa noite, minhas senhoras — disse elle, no tom habitual de cortezia e amabilidade — Vim em busca da minha cara metade...

— Ella fez o sacrificio de me consolar com a sua companhia: eu estava tão só e tão nervosa...

— Oh! minha senhora. E' sempre uma honra e uma delicia a companhia de v. ex.

— Nós — continuou a marquezia — estavamos a matar o tempo, quando chegou Dolores. Conversámos, então, sobre os boatos.

— Que formigam por ali, assustadores ou ridiculos — accentuou o conselheiro. A situação é grave para um governo, que váe começar a sua grandiosa obra; direi mesmo: muito tensa; mas, dali para o que se suspeita váe uma immensa distancia.. Em todo o caso, o governo está apercebido para tudo, com importantes meios de defeza. Disseram-me que as forças da Côrte passaram esta noite sob as armas.

E, abaixando a voz, dirigiu a Dolores um olhar supplicante de segredo.

— Havia algo de serio, fundados receios, que se desvaneceram com a noticia de estar gravemente enfermo o Deodoro, indicado chefe dos descontentes, das queixas do exercito. V. ex., querida marquezia, póde, portanto, dormir descansada.

A marquezia concertou um sorriso de agradecimento ás consoladoras noticias; mas, o seu bello rosto macegado, que seria o de uma santa, se não o illuminasse o brilho satanico dos olhos, permanecia envolto na penumbra das preocupações tristes, dos presentimentos funestos, que a perseguíam, preocupações e presentimentos a projectarem as suas sombras no espirito de d. Eugénia.

Conversaram sobre varios assumptos. Dolores fez a chronica das festas, com a sua inexgotavel *verve*, mordente e ingenua, interrompida pelos commentarios do conselheiro, que lhe achava inexcedível graça, mesmo quando ella, arrebataada pelo impulso da ironia, abordava assumptos melindrosos, ou um tanto escabrosos, aliás muito ao sabor dos costumes elegantes. Dolores tinha, além disso, a superioridade de saber conversar com homens, sem perder a compostura encantadora de mulher, com audacias que, em outras éras, seriam criminosas. Ella, na opinião do conselheiro, era um producto do meio, contaminado pelo veneno da litteratura franceza, inoculado pelos romances, onde predominavam licenciosos episodios de adulterios, de amores criminosos, uma litteratura licenciosa, symptomatica da degeneração de uma raça.

Às tentativas de partida dos seus hospedes, a marquezia lhe supplicava esperarem Oscar, cuja demora a impacientava, embóra lhe affirmasse o conselheiro que elle jantára em sua casa.

Afinal, foi forçoso ceder, quando a velha pendula do salão vibrou dez horas. Mandou atrelar o *landau*, e os trez partiram.

(Continúa).

FARIAS BRITO

VIII

Nota o nosso philosopho que o proprio Ribot, cuja isenção espirital é realmente digna de um pensador, não soube evitar o erro commum em que têm caído os mais notaveis representantes do pensamento moderno: o erro de considerar a philosophia *como simples metaphysica, nada mais*. Julga Farias Brito, e no meu entender com toda razão, que isso é absolutamente inaceitavel. O que me parece é que o auctor da *Finalidade do mundo* complicou muito e fez muito confusa uma questão que, em poucas palavras, póde ser posta em irrecusavel evidencia. Creio, por isso, que o capitulo VII — *Metaphysica naturalista* — é, de todo o 1º volume, não direi o mais fraco, mas o menos substancial. Já aquellas duas palavras associadas nos impressionam mal. Sabe-se o que pretende o auctor gerar no espirito de quem o lê; mas, incontestavelmente, de prompto se repara que ha, quando menos, ahí uma impropriedade de dicção ou de termos. Natureza e metaphysica parece que são, no mesmo gráu de physica e metaphysica, perfectos antonymos. O proprio Farias Brito define a metaphysica — a sciencia sob cuja alçada cae tudo aquillo que não póde ser explicado mecanicamente. A definição é nova, não ha duvida; mas, ainda assim, *metaphysica naturalista* não diz bem o que está no pensamento do nosso philosopho: ahí ha mais ainda do que impropriedade — ha redundancia. Impropriedade, si se toma o vocabulo *metaphysica* na antiga accepção: redundancia, si se prefere o sentido que lhe dá o auctor.

Ora, si, como diz elle, a «metaphysica é a sciencia dos phenomenos que não são physicos» — pergunto: que vem a ser então *metaphysica naturalista*? Vem o auctor ao meu encontro e explica logo que os phenomenos psychicos não estão fóra da natureza. Está direito; mas, então para que *metaphysica*? Não é exacto que nada temos a lucrar com estas mudanças arbitrarias no valor de palavras, ainda mais daquellas que são classicas na tecnologia scientifica? E não seria tão facil e tão simples, em poucos periodos,

resolver toda a controversia, que chega a fazer-se amofinante, tratada em sete grandes paginas — resolvel-a separando ou discriminando todos os phenomenos do universo em *subjectivos* e *objectivos*, em phenomenos de *intelligencia* e phenomenos de pura *dynamica* ou puramente mecanicos? E não teriamos assim reduzido toda a philosophia a uma unidade perfeita, acima dessas infinitas disquisições sobre pontos de vista? Sabe o nosso philosopho que foi, partindo dessa unidade, que o grande mestre de Koenigsberg chegou ao vasto e admiravel *causalismo* que ajuda hoje o nosso espirito sancciona, quasi sem reservas. Kant não concluiu da philosophia a metaphysica e é um lapso deploravel suppôr que as segundas categorias de conhecimento — as do juizo — escapem á metaphysica ou aos phenomenos psychicos. Para o critico da razão pura, a natureza não acaba no que incide sob a nossa visão.

E tanto mais me julgo auctorizado ao reparo que ahí fica, vendo, ao cabo de longos argumentos, o auctor a dividir todas as sciencias em: — *sciencias physicas* — as que têm por objecto o movimento e todas as suas condições e modalidades, desde o espaço e o tempo até as operações biologicas; e *sciencias psychicas* ou a metaphysica propriamente dita — que tem por objecto os phenomenos de sentimento, conhecimento e acção.»

Devo notar, com toda a franqueza, que o espirito do philosopho cearense me deixa, ás vezes, uma certa anciadade por desvendar-lhe uns certos... mysterios. A minha consolação é a esperança de ler, em breve, o III volume da *Finalidade*, no qual Farias Brito se váe completar certamente. Desejo muito e muito ver bem onde chega o operoso pensador, tendo partido do ponto que assignala e abrindo o vasto horizonte em que nos deixa.

Isto noto eu principalmente, quando me encontro com o espirito do nosso philosopho em certos trechos deste 1º volume. A pagina 95, por exemplo, quando discute ainda a definição de metaphysica, estranha Farias Brito que Schopenhauer (por quem aliás sente uma grande admiração) tivesse observado aos *naturalistas* «que toda a coisa physica é afinal tambem metaphysica.» Acreditar-se-ia que nessa phrase do pessimista incomprehendido, tinha o pensador cearense encontrado a fórmula do seu pensamento. Mas, Farias Brito oppõe logo: «Aqui a contradicção é patente.» Contradicção? Por mim, pediria ao nosso philosopho que meditasse um pouco mais no asserto de Schopenhauer. Estou convencido de que havia de modificar a sentença. E o que me confirma esta certeza é a transcripção que algumas linhas adiante faz do profundo e subtil auctor do *Mundo como vontade*. E cre-

sce o meu espanto e mais intensa se faz a minha anciadade, quando, ao fim do trecho de Schopenhauer, diz Farias Brito: «Até ahí, muito bem; nada ha a rectificar.»

Não creio que o pensador cearense tenha profundado o pensador allemão, neste ponto.

A distincção que faz Kant da *coisa em si* e o *phenomeno*, parece que nada aproveita ao caso actual. Kant tratava ahí do *mundo objectivo* em relação com o *sujeito*, e não de distinguir ou discriminar phenomenos. E' intuitivo: a coisa em si — uma *pedra*, por exemplo, distingue-se do *peso* dessa pedra. Mas, Kant sustentaria, porventura, que considerar a pedra e o seu peso será o mesmo que considerar o cerebro e o pensamento?

De todo o capitulo, concluo que ha originalidade e profundeza notaveis nessas paginas; mas, que um juizo definitivo sobre a philosophia de Farias Brito fica dependendo da applicação do seu methodo, da *concretisação* das idéas que váe expondo nesses dous primeiros volumes da sua grande obra.

ROCHA POMBO.

“Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do 1º trimestre d'OS ANNAES.

«OS ANNAES» EA IMPRENSA
BAHIANA

Andamos, já ha dias, muitos dias, em grande falta de cortezia para com a imprensa da Bahia.

Vejam os senhores: a *Bahia*, jornal que se distinguuiu, ultimamente, lançando a candidatura do sr. Ruy Barbosa, tem nos concedido a honra de trasladar para as suas desbordantes columnas, uma porção de escriptos que esta revista publicou. E o nosso collaborador mais alvejado por essa honra, é o sr. João Ribeiro, com quem o jornal bahiano assumiu o amavel teiró de o vulgarisar, o mais possivel. O nosso eminente collaborador está muito agradecido. Está claro que nós não estamos menos.

Nesse programma de gentilezas, véem por ordem e por disputa, o *Jornal de Noticias* e o *Diario de Noticias*. O primeiro nos copiou os artigos sobre o general Labatut, do sr. João Brígido. O segundo, mais frescamente, isto é, mais recentemente, copiou dos *Annaes*, numero 23, a *Cidade da Saudade*, de João do Rio.

Este balanço, a que procedemos com lagrimas de commovido reconhecimento, prova, de resto, quanto os *Annaes* merecem á rica imprensa bahiana. E, á maneira de excessivas bondades, os nossos opulentos collegas nem sequer dizem donde minam essas materias de tanta publicação. Tambem não era preciso. A cortezia dos nossos confrades váe a suppôr que toda a gente dispensa o aviso...

A gentileza, dest'arte, chega a ser até indecente.

QUEM É QUE SE FIA EM SONHOS ?

A DOMINGOS OLYMPIO

I

Laura... E' melhor que eu te diga
 Quem era esta rapariga,
 Que tinha apenas quinze annos
 Quando esta historia começa,
 E já virava a cabeça,
 De sacros e de profanos.

Nem a propria Sulamita
 Tinha uma côr tão bonita,
 Os olhos que Laura tinha ;
 Se não nascesse tão pobre,
 Diria ao homem mais nobre :
 — Tenho em frente uma rainha.

O manto dos seus cabellos
 Descia-lhe aos tornozellos,
 Envolvendo-a em ciume infindo,
 Deixando os pés, dous pombinhos,
 Espiando com os dous biquinhos
 Aquelle rosto tão lindo.

Mais do que a Venus de Milo
 Só tinha os braços. e aquillo
 Que não tem nenhuma Venus
 Que no marmore repousa,
 Que tem de mais... muita cousa,
 E muita cousa. de menos.

Para encurtar pormenores :
 Era entre as moças melhores
 A melhor da minha terra.
 Por causa della os rapazes
 Faziam continuas pazes,
 Vivendo em continua guerra.

Quando punha as mãos no cravo,
 Deixava o mais livre, escravo,
 Os mais alegres, tristonhos,
 Porque aquella rapariga
 Tinha sempre uma cantiga :
 « Quem é que se fia em sonho ?

II

Sonhos que vêm e que vão,
 Todos elles são apenas
 O rumurejo das pennas
 Das azas do coração.

Um dia vem, outro váe,
 Este triste, aquelle bello,
 E em todos sobe um castello
 E um castello em todos cáe.

Laura, ao envez das demais,
 Passava os dias serenos,
 Sempre acreditando menos,
 Sempre suspeitando mais.

Que a sorte é meiga e mendaz,
 Traídora, quando é risonha.
 E, mormente, quando sonha
 Uma moça com um rapaz.

Laura, portanto, com dez
 Sonhava, ou com cem, de sorte
 Que, como a Estrella do Norte,
 O mundo via a seus pés.

« Sonhei », dizia-lhe alguém,
 « Comtigo dias risonhos... »
 Quem é que se fia em sonhos?... »
 Cantava Laura tambem.

III

Era a mais simples de todas
 E de todas a mais bella,
 Fulgia como uma estrella
 Nas mais escolhidas rodas.

Não eram setins, nem rendas
 Que lhe davam formosura,
 Laura fazia figura
 Sómente por suas prendas.

Seus hombros nunca souberam
 O que é calor de velludo,
 Mas tinham seus hombros tudo
 Que as ricas nunca tiveram.

Os homens vinham de longe,
 Mas quando perto chegavam,
 Os mais pandegos trocavam
 O aspecto pelo de um monge.

Porque Laura, a todos rindo,
 Laura de todos zombava ;
 Se qualquer se apresentava,
 Dizia a qualquer:— Bemvindo!

Mas no rosto da bregeira,
 Havia sempre um sorriso
 Que transtornava o juizo
 Do pobre p'ra a vida inteira.

E os desgraçados tristonhos,
 Saíndo, só se lembravam
 Daquella vóz, que escutavam :
 « Quem é que se fia em sonhos ?

IV

A sua casa modesta
 Parecia um palacete,
 Quando havia alguma festa ;
 Porém, acabada esta,
 Roucava fóra o cacete.

Cabeças, pernas quebradas...
 Cada qual no seu rabicho
 Não calculava as pauladas,
 Eram festas acabadas,
 Pancada de criar bicho.

« Mas muito póde uma estina »,
 Commentava o populacho,
 Que pelo bom-senso prima :
 « Ella — dormindo, lá em cima,
 Elles — no páu, cá em baixo ! »

De manhã, os namorados
 Estavam todos de molhó,
 Cheios de pannos salgados,
 Este com os queixos quebrados,
 Aquelle cégo de um olho.

E Laura, de manhã cedo,
 Dando alpiste ao tico-tico,
 Pensava no Luiz, no Alfredo,
 No Manduca, no Azevedo,
 No Quincas, no Gil, no Chico.

E, alheia a todos, abrindo
 Os labios sempre risonhos,
 Ia á janella sorrindo,
 A' meia vóz desferindo :
 « Quem é que se fia em sonhos?... »

A BATALHA DE MUKDEN

A CAPITAL DA MANDCHURIA — A OCUPAÇÃO DE MUKDEN — O OBJECTO DO MARECHAL OYAMA — OS JUBILOS DA CHINA — A VICTORIA É DA RAÇA AMARELLA.

Mukden, que, em lingua mandchú, significa *a florescente*, a cidade sagrada, donde partiu, em 625, Nut-Chachú, o fundador da dynastia — a grande pura — ainda hoje reinante em Pekin, é tambem chamada Tim ou King — a capital, que, no dizer do imperador poeta Kien-Long, se distinguia das outras cidades, como o dragão e o tigre dos outros animaes.

Vista a vôo de passaro, a capital da Mandchuria é um rectangulo, cortado em cruz por duas ruas principais; uma infinidade de viellas, atravessando-se, parallelamente, em angulo recto, dividem-na como um taboleiro de xadrez; na intersecção das duas arterias, se ergue uma torre, tendo no vertice um tambor e um *gong*, que annunciam o principio e o fim do dia. Dois recintos, feitos, como muralhas babilonicas, de argila da grande planicie de alluviões em que está edificada, cercam a cidade: um tem dezoito kilometros de circuito e encerra o suburbio exterior; outro, de cinco kilometros, flanqueado de torres, em que o tijolo se mistura com a argila, protege a parte central, a cidade reservada, a cidade imperial, propriedade do imperador chinez e séde da vida administrativa e commercial. Nella estão os bazares onde se traficam estofos de sêda e pelles de animaes; nella está a residencia do principe mandchú, onde, outr'ora, se alojava o imperador da China, em peregrinação á cidade sagrada dos seus antepassados, onde, desde 1804, seu retrato, seu santo rosto, ceremoniosamente conduzido de dez em dez annos, os representa na solemnidade tradicional. Esse palacio, uma cidade na cidade, é coberto de telhas de porcelana amarella, a côr imperial.

A cidade européa, os quartéis da guarnição antes da guerra, o banco Russo-Chinez, os edificios do caminho de ferro ficam fóra dos dois recintos.

Varias agglomerações a cercam: ao norte, fica o centro industrial de Pekuan, onde se refinava o ouro vindo da Coréa; ao noroeste, a cerca de dez kilometros, estão os tumulos dos antepassados da dynastia mandchú, sitio sagrado, lugar de veneração que, na occasião da occupação russa e da construcção de caminho de ferro, foi assumpto das mais delicadas negociações.

A Russia prometten mandar fazer uma grande volta na linha, para evitar a profanação do sólo sacrosanto; pro-

metteu deixar intactos os tumulos, respeitar as ceremonias do culto e da tradição.

Esses tumulos constituem dois grupos: Tung-Ling, ou os tumulos de léste, e Pouy-Ling os de oeste, erigidos num sitio encantador, de natureza luxuriante. Os arredores dos monumentos funerarios parecem um verdadeiro parque. Grandes arvores sombreiam longas alamedas ou caminhos orlados de flôres, desembocando em clareiras tapetadas de violetas, ou em valles atufados de vegetação exuberante. Segundo o rito habitual, os tumulos não comprehendem, sómente, os monumentos em que repousam os antepassados no derradeiro somno: do recinto funerario fazem, tambem, parte os templos. Além das portas para Tung-Ling e Tay-Ling, construidas pelo plano ordinario do *ting*, dessa casa que recorda — pelo tecto arrebitado nos angulos, donde pendem caudas de dragão e campainhas de metal — a tenda primitiva das hordas errantes, se estendem longas e largas avenidas, orladas de enormes animaes de pedra *stylisada*: dragões, elephantes, camellos, que alternam com pinheiros seculares. Uma ponte de marmore com balaustradas, curiosamente esculpidas; além, um arco monumental de pedra dão accesso a um pateo quadrado, depois a um outro, separado do precedente por galerias cobertas. Esses são atravessados de avenidas de velhas arvores, povoadas de gigantes de pedras, de monstros careteiros, e retalhados por pequenos canaes de aguas limpidas, correndo sob pontes e balaustradas. Além da ultima galeria, se ergue o tumulo, o pagóde central, que contém, sobre o casco de uma tartaruga colossal, a pedra commemorativa, de um altura de dez metros, onde se relatam as façanhas e os titulos de gloria dos reis defuntos. E, nessa cidade da morte, cuja sumptuosidade excede aos caprichos de uma arte phantastica em riqueza, luxo e encanto, reina o silencio, apenas perturbado pelo arrulho e o estalido das azas dos pombos sagrados.

* *

A occupação de Mukden seria um successo moral precioso, mas, sómente, um successo moral si o marechal Oyama, com a experiencia de Liáu-Yang e do Cha-Ho, se contentasse com simples vantagens geographicas e politicas: o seu objecto foi destroçar o exercito de Kuropatkine, on, pelo menos, desfechar-lhe um golpe que o desorganisasse.

No 10 de março, os japonezes occuparam a cidade sagrada, o berço da dynastia. Este facto repercutiu com uma forte impressão na China, rejubilada pela expulsão dos invasores bran-

cos, que profanavam os santos logares, havia cinco annos, depois de uma derrota desastrosa, elevando, para os chinezes, o Japão á categoria de nação mais poderosa do mundo pelo facto de vencer aquella que elles consideram a mais forte do mundo. Assim a victoria se considera a da raça amarella inteira.

Na Russia, o effeito dessa victoria foi contundente. Os mais optimistas declararam perdida a partida, sem probabilidade de desforra.

Encarando a situação creada pelo desastre, o *Novosti* escreveu: «Basta de victimas! Basta de cegueira e de illusões! A renuncia á nossa politica colonial no Extremo Oriente não constituiria uma humilhação para a Russia. O Liáu-Toung, a Mandchuria, não são territorios russos. A ilha Sakhaline foi outr'ora do Japão. Si fôsse necessario, para a conclusão da paz, supprimir o porto militar de Vladivostock, essa concessão seria ainda menos penosa que a renuncia, depois de Sebastopol, a manter uma frota militar no mar Negro.»

«Os problemas da civilização da nação residem no interior da Russia, que, em vez de se aventurar em conquistas, deveria renovar a vida do povo e garantir-lhe condições humanas de existencia.»

Contrastando com esses conselhos de paz, a imprensa radical se fazia espelho do despeito do funcionalismo, desnorteado pela sorte das armas: surgiram amargas invectivas contra o generalissimo, homem imprevidente e fraco, que, assediado pelas preoccupações da campanha, pedia ao estado-maior que lhe mandasse romances; contava-se, para demonstrar o prestigio dos generaes, que um delles aproveitára a occupação de Mukden para se divorciar da esposa e casar com uma bella irmã de caridade. E, entre invectivas aos vencidos, o *Novoi Vremia* e o *Sviet* clamam pela guerra á outrance, para chegar, depois de uma victoria final, a uma paz garantidora das aspirações e da solução dos problemas seculares da politica russa.

Esses exaltados ignoravam a extensão, a gravidade do desastre, porque o estado-maior em S. Petersburgo se recusava a publicar informações sobre o funesto desenlace da batalha: sabia-se, apenas, que Kuropatkine pedia rezassem pelo exercito moscovita, e affirmava que este se mantinha em perfeita segurança. Não sabiam que o exercito, derrotado, impossibilitado de se fixar em Tie-Ling, marchava despensado pelos valles, na direcção do norte, sem saber si procuraria Kirim ou Karbine; não sabiam que os russos tinham cem mil homens fóra de combate; que prisioneiros, em numero superior a 40.000,

inclusive o general Nakhimoff, estavam nas mãos dos japonezes, e que, entre os despojos, figuravam duas bandeiras, mais de cem canhões, ou toda a grossa artilharia russa, 60.000 carabinas, 1.000 carretas de munições, 200.000 granadas, 25 milhões de cartuchos, 15.000 fardos de cereaes, 55.000 de forragem, 45.000 volumes de material de estrada de ferro de bitola estreita, 2.000 cavallos, cartas geographicas, 1.000 carretas de uniformes e equipamentos, um milhão de rações de pão, 7.000 toneladas de combustivel e 60 toneladas de ferro, além de grande quantidade de instrumentos, barracas, bois, fios e postes telegraphicos.

Sómente trez dias depois, se souberam na Russia as peripecias dolorosas do desastre.

* * *

Os tragicos episodios da batalha e da retirada constituem uma pagina dolorosa, mas muito honrosa para o exercito russo.

Para escapar a um desastre completo, as forças de Kaulbars e de Bilderling tiveram de desenvolver uma energia, uma força moral de raros exemplos na historia.

A situação dos dois corpos de exercito foi extremamente critica, durante o dia 10 de março. Kuropatkine contava, para ganhar o tempo necessario á organização da retirada, com a resistencia dos entrincheiramentos ao longo do Hun-Ho, entre Mukden e Fouchoun. Na noite de 8 de março, ordenára ao seu centro e á ala esquerda se dobrassem sobre aquellas linhas, e, ao mesmo tempo, empregava um esforço prodigioso para desvencilhar a sua ala direita e obstar o movimento envolvente de Nogi. Mas, esse calculo fallhou: a offensiva energica de Nodzú e Kuroki o surpreendeu, facto que foi aggravado por um accidente climaterico. Os russos estavam certos de que o Hun-Ho, que estava degelado, demoraria os japonezes durante algumas horas; por uma fatalidade, porém, uma onda fria solidificou as aguas do rio, e elles o passaram sobre o gelo.

Na noite de 9 para 10, as linhas do Hun-Ho fôram atravessadas. Nodzú marchava, vigorosamente, para o noroeste, para apoiar as tropas de Nogi, que estavam a 10 kilometros ao norte de Mukden. No momento em que o grosso do exercito russo desfilava para Tie-Ling, não havia mais de oito kilometros entre os dous galhos da tenaz japoneza. Dos dois lados, baterias de artilharia cruzavam seus fogos sobre as columnas em retirada: dahi, as perdas enormes soffridas pelos russos; tendo os corpos de Bilderling e Kaulbars escapado, por milagre, a um completo anniquilamento.

A retirada das tropas de Linievitch

se operou em condições mais favoraveis, porque dispunha de uma estrada e de um caminho de ferro de Fouchon a Tie-Ling. Não tinha que temer os ataques de flanco, e podia, facilmente, conter, graças ao paiz montanhoso, a perseguição do inimigo. O movimento de recuo foi executado em perfeita ordem.

* * *

Na opinião do correspondente do *Novroie Vremia* em Tie-Ling, o subito abandono de Mukden desmoralizou, profundamente, o exercito, que ficou desorientado pela rapida manobra de mudança de frente, produzindo terrivel confusão, impedindo os batalhões de entrarem em seus regimentos, os regimentos em suas divisões, as divisões nos seus corpos de exercito.

Foi forçoso abandonar uma parte da artilharia e das bagagens, porque dois esquadrões e uma bateria de montanha, depois da brecha feita pelos japonezes, tomaram posição nas elevações ao norte de Mukden; dominando a estrada mandarina, canhonearam as bagagens, provocando um panico tremendo entre os russos, que estavam estropiados, fatigados por doze dias de lucta contínua.

Os conductores abandonaram os comboios de bagagem, os parques, os canhões, em parte colhidos pelas tropas que vinham na retaguarda.

O primeiro exercito, inteiramente desorganizado, bateu em retirada, em boa ordem, recuando e infligindo perdas consideraveis ao inimigo.

As tropas do general Rennenkampf se destacaram, notavelmente, nessa retirada.

Emquanto as tropas se reuniam e tomavam posição, o inimigo fazia alto a trinta ou quarenta kilometros de distancia, porque não podia continuar a perseguição, mas é provavel que empreendam um novo movimento envolvente.

O correspondente do *Russ*, em Tie-Ling, affirmou que os russos tiveram, na retirada, multiplas circumstancias contrarias, notadamente um furioso furacão, levantando nuvens de areia, que lhes açoitavam o rosto e os impediam de verem a cem passos adiante. A infantaria passava rapidamente em fileiras cerradas, através dos campos e das aldeias, envoltas em pó, onde os esperava uma saraivada de metralha.

Era um spectaculo medonho o combate de Santaizi, uma lucta desesperada de adversarios exgottados, a caírem de fadiga.

Os pormenores da retirada fôram notaveis feitos d'armas, mais renhidos, talvez, que a batalha campal de Mukden. Não se póde descrever, dizem testemunhas oculares, a perseguição tenaz e a resistencia heroica

dos victoriosos e dos vencidos, contadores condignos no heroismo.

APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

REZENDE (José Severiano de) estylista vibrante, poeta de largos vãos, padre nas horas vagas. Nas paginas dos jornaes da tarde canta, quotidianamente vespuras, libertando o pensamento combativo dos espinhos da Critica, e erguendo-o, numa unção monacal, aos dulçurosos panegyricos de Douts Santos e de Santas Advogadas. Mas, de certo, no seu extase, perturba o ruido do combate litterario e social, e cada uma das sete espadas que o illustre levita visiona no Excelso Peito, se transforma no florête fremente da controversia, e as linhas puras dos sagrados Icones, o colorido das bentas estampas, e o relevo das piedosas Imagens, provocam o oliar do justo e impiedoso critico, do temeroso demolidor de Egrejas. . artisticas. Tem uma alma de Inquisitor: se pudesse fundar, entre nós, um Santo Officio, não haveria um só heretico Petit que escapasse á purificadora fogueira.

* * *

RODRIGUES (José Carlos) celebre por ser o director do *Jornal do Commercio*, o Grande Orgão, pilar do Estado, barreira contra a anarchia, defensor da massa conservadora e burgueza, digna curiosidade nacional, a par do Corcovado e do Corpo de Bombeiros. O sr. Rodrigues nada escreve na sua folha; entretanto, o seu espirito, amante da Ordem e da Estabilidade Publica, anda latente pelas massiças columnas, e sente-se uma vontade unica em todas as secções. Os telegrammas trazem os graves successos do Exterior e dos Estados, sem que nenhuma inconveniencia mostre a ignorancia do *mot d'ordre* em que acaso estejam os afastados correspondentes disciplinados. A *gazetilha*, em honrado portuguez, conta os crimes e os condemna, dá os fallecimentos illustres e chora entrelinhadamente a lacúua impreenchivel. As *varias* synthetisam a vida diaria fluminense, e, em linguagem sybillina, demittem prefeitos, apeiam ministros, elevam felizardos. Nos *a pedidos*, finalmente, o sr. Rodrigues testemunha os pugilatos quotidianos dos enfesados officiaes do mesmo officio, medicos contra medicos, politicos contra politicos, vendeiros contra vendeiros. Impassivel, domina os odios e ambições alheias, sem um momento traír os seus. A multidão admira-o...

PEDRO INNOCENCIO.